

**VIDA MUNDIAL**  
**ILUSTRADA**  
SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

**A FINAL  
A MILÚ,  
SEMPRE VOLTOU  
AO CINEMA!**

(Ver reportagem nas págs. 12 e 13)



PREÇO AVULSO 1\$80 / 1 DE NOVEMBRO DE 1945 / ANO V-N.º 233



# VIDA-MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:  
JOSÉ CANDIDO GODINHO  
EDITOR:  
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA-MUNDIAL"  
EDITORA, LIMITADA

## PRIMEIRA COLUMNA

### Assim se fabricam multidões...

**E**M Lisboa, é fácil provocar um ajuntamento, «fabricar», até, uma multidão. Tudo serve para o lisboeta bisbilhoteiro e pecaço, que sai de casa a correr, comete à pressa para não chegar tarde ao emprego e se zangou com a mulher porque não teve o almoço precisamente no minuto que desejava, parar na rua, a aumentar qualquer ajuntamento de papalvos. Tudo serve: — um cavalo que caiu, um cão de cauleiro com vigéssimos presos na coleira, um homem de bom coração que dá milho aos pombos, ou uma senhora que se lembrou de sair para a rua com um vestido demastadamente transparente — tudo serve. Depois, no emprego, é fácil arranjar a desculpa que não se encontraria se fosse a mulher, «a escravas, como ela diz, a não lhe pôr o almoço na mesa a tempo de apanhar o carro das dez, que passa sempre às dez e um quarto — e sem lugar!

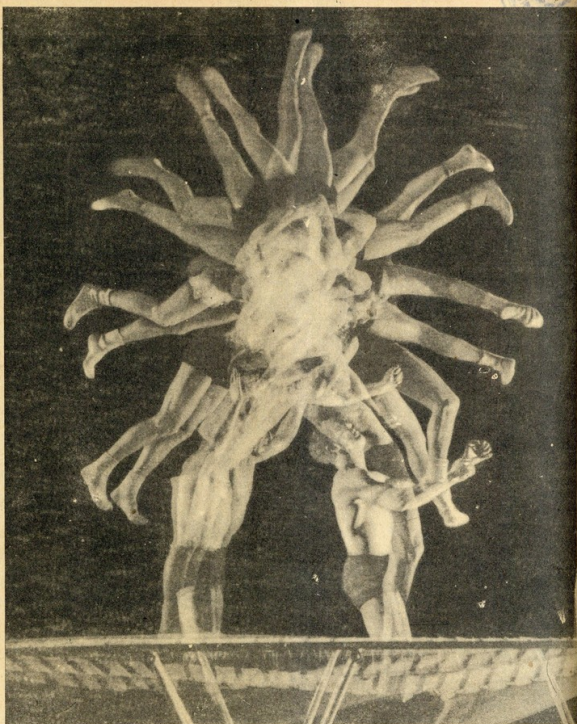
A quem apetecer gosar o aspecto triste duma multidão que se juntou para ver, pasmada, qualquer coisa sem importância, é fácil avallar do grau da infantildade dos lisboetas. Um gato morto, um automóvel com um furo numa roda, um estrangeiro que pergunta qualquer coisa, na sua língua a um polícia que só fala português — tudo serve.

E o mais engraçado é que, a maior parte das vezes, os que param, longo tempo, a engrossar o ajuntamento, saem de lá, depois, a criticar os outros.

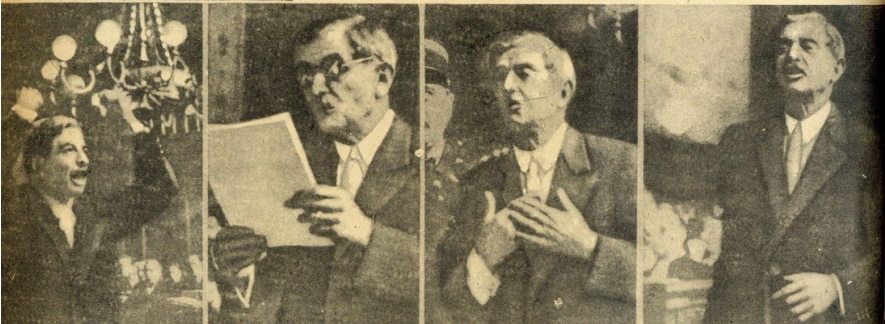
— «Sabes lá! Estavam lá mais de duzentas pessoas, a olhar para um esguicho de água, que saía de entre as pedras da rua! Eu até parei, também, a ver o que aquilo era!».

Oh! A eterna pasmaçeira alfacinha...  
(Continua na página 16)

# SALTOS MORTAIS EM TRAMPOLIM



O saltador é John Adkins, um dos grandes campeões americanos de saltos mortais. E os efeitos fotográficos foram obtidos com câmaras de alta velocidade.



Pierre Laval, ex-presidente do Governo francês, há dias fuzilado depois de ter ingerido um veneno, com o qual julgava livrar-se dos balos de pelotão executado pelo boafé e patriotismo com que actuou perante os alemães que ocupavam o seu país, e Madame Laval afirma que a memória de seu marido será rehabilitada após o abafamento.



# DO HOMEM E DO TRABALHO

**E**STÁ agora em moda o tema social. Sempre os economistas pensaram em catalogar o homem como objecto de trabalho — capacidade de produção, rendimento intelectual e deturam nos sociólogos o estado das relações do elemento produtivo com a colectividade. Está bem de ver — e sobre isto há uma eclectica bibliologia — que o homem é um obreiro de riquezas. Já toda a gente sabe que o mineiro arranca do ventre da terra o ouro que, depois, se pavoneia venturoso burgueses, nascidos em braços de fortuna.

A odisséia dos pescadores de pérolas é quasi a lenda para a sociedade fútil e orgulhosa que despreza o trabalho e olha a turba em bicos de pa, filitando o bólo recheado.

Uter, que esses artifices não sonham com o bágarante arrabal de luxo — e que só procuram, na fama do dia-a-dia, o pão da boca, é, quanto a isso, desnecessário. A sociedade exige, ao homem, a seu quinhão de esforço.

Ná terra, na mina, lançando as rédes ao mar ou erguendo a foice nas searas; subindo as gáveas ou descendo os porões; empinando ao céu os altos cânabros ou abrindo na terra as galerias do ouro; desbravando florestas — e construindo cidades; ando os oceanos, cruzando os ares; tudo, enfim, que é a vida brotando do esforço se deve ao homem. Há, pois, que lhe proteger a sua actividade, o seu labor — afinal a única razão da existência. Não se compreenderá que a sociedade que floresce com o labor do homem lhe recuse, amaldi, o amparo na invalidez. O homem que já não pode trabalhar — e que durante toda a sua vida não conheceu outros benefícios a não ser a recompensa do seu esforço — deve viver à margem dessa massa protectora do asilo, que lhe dá a sopa por caridade — e nunca por recompensa.

E ou não verdade que esse operário, esse trabalhador, ajudou a enriquecer alguns?

Pois são esses que devem prover a sua manança. É como?

É simples — é bastará boa-vontade. Não venham com subsídios irritatórios que lancam na indignência. Felizmente há hoje modalidades de previdência, seguras na invalidez, riscos de trabalho — mas, quasi sempre, pagos por quem trabalha. Não é mau.

É, ainda pior, é a circunstância desses subsídios, para serem compensadores, alcançarem cotizações demasiado pesadas para a magreza dos salários. Seria muito humano que os sindicatos, cuja função social é olhar pelos trabalhadores da classe, tivessem caixas de previdência de aggujo no desemprego e na doença — e até pudessem prover o emprego dos seus associados, não por apadrinhamento, mas por qualidades natas de trabalho. Ainda há dias, num eléctrico, um pintor da construção civil lamuriava que não tinha que fazer lá 15 dias. Em casa — e o quadro não precisa de placeladas de tragédia — dois filhos doentes, a mulher a lavar para fora, e ele, desorientado, sem azer o que fazer.

Havia o recurso do sindicato. Mas ele não é, como se calcula, agência de colocações. Tinha de andar, todas as manhãs, por obras a oferecer os seus préstimos. E comer?

Ora se, na verdade — e que fácil que isto é — houvesse nos sindicatos uma caixa de assistência para estes casos — nem que fosse depois pago pelo trabalhador, quando empregado e em mínimas prestações — já a vida não seria tão angustiosa para este chefe de família.

Enfim — problemas sociais. Nós nada sabemos. Os economistas e sociólogos que falem. Mas enquanto eles falam e discutem o problema não se resolve.



... Mas, quando elas são vaidosas, até  
rio ser o titulo desta imagem...

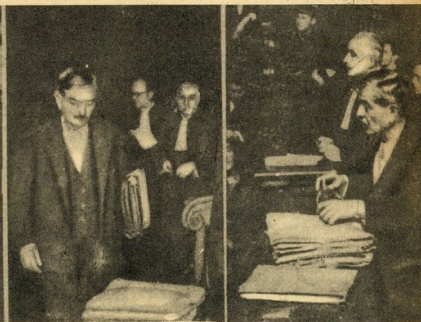
... Mas, quando elas são vaidosas, até  
um espelho de água lhes serve!



Seria possível encontrar expressão mais exacta do Outono?



Cerca de cinquenta mil oficiais e soldados americanos passaram sete dias de licença na Suíça percorrendo o país e deliciando-se com as suas paisagens de maravilha!



lante o seu julgamento, atitudes teatrais, eue afirmaram, mais do que o político, o advogado brilhante. Laval deixou um testamento político, em que insiste na friso damos alguns aspectos do julgamento do famoso político francês, em que revela, successivamente, a indignação, o firmeza, a convicção, a indecisão, o desânimo.





Joan Crawford tem duas paixões: os plumes — e os «Bassetts». E só assim se explica esta foto feita na sua residência. Em «Aletta» da noite, Joan quis fotografar-se com o seu cachorrinho favorito. Reparem bem na expressão do «bichos», que parece estar longe de compreender a transcendência do momento — e a honra que a sua dona lhe confere, ao tirar o retrato com ele...



Betty Grable, mulher do famoso trompetista Harry James, vem ao estúdio, onde o marido está a filmar. A seu lado, o chefe da orquestra Xavier Cugat, faz os honras da casa e explica-lhe a cena que se está desenvolvendo, diante dos seus olhos. Betty Grable parece encantado. E a julgar pela expressão de Cugat — isto não está menos...

Lembram-se de «Lassie», o maravilhoso cão de protagonista de «O Regresso»? Pois vamos vê-lo, neste que, nostro filme. A sessão passa-se na Noruega, durante a ocupação alemã. E o filme conta-nos como o dono e a sua cadela enfrentaram as vicissitudes da luta contra o invasor. «Lassie» tem um filho, tão bom actor como a mãe...

Há muitos, muitos anos, Wallace Berry, que na vida real é um homem de coração, bem diferente dos brutos que costuma encarnar na tela, encontrou-se com uma pequena orfã, em circunstâncias dramáticas. Wallace resolveu adoptá-la e a menina, desde então —contava ainda poucos meses— cresceu sob os seus cuidados e carinhos. Chamava-se Carol Ann e «Wally» perfiçoso. Deu-lhe educação, conforto, alegria de viver — e um nome respeitável na colónia da Cineândia.



## WALLACE BERRY PAI ADOPTIVO

## O CINEMA PERANTE O MUNDO

O mundo oferece-nos, na realidade, estranho panorama. As labaredas de guerra foram mal extintas. E, que além, ficaram focos ameaçadores, que podem tomar incremento maior, a despeito dos esforços dos homens empenhados em levar a bom termo o rescaldo de um. Subsistem desconfianças e má-vontades. Muitos povos da Europa buscam com anelidade a estabilidade política necessária ao restabelecimento. Seis anos de lutas sangrentas cicatrizes profundas e desorganizaram, por completo, a vida das nações em todos os seus aspectos.

No meio deste quadro, carregado de nuvens negras, o cinema, que arrostou parbosamente com todas as restrições impostas pela guerra, sofre agora as consequências das condicionais por ela criadas. A primeira parte de jornada foi difícil, mas a que se propõe vencer agora é a melhor.

De toda a parte nos chegam sintomas das solavancos da deligência pelas estradas esburcadas dum mundo povoado de escumbros. E o cinema, encontrado daqui, exortado de além, espera o termo da penosa marcha, para encetar o seu destino.

Em França, a produção, de tão belas tradições, tem debruçar o caminho e retemperar a posição perdida. Mas a desvalorização da moeda — sem falar na escassez das matérias-primas — torna praticamente impossível a exportação, indispensável ao renascimento. Uma culpa cabe hoje e mesmo que outrora se pagava pelo exclusivo dum filme feito. Na Alemanha, os estúdios que escaparam à chuva da metrópoli estão parados. E, mais grave do que isso, cessaram de trabalhar as fábricas de filmes virgem e de produtos que abasteciam a Europa cinematográfica, em grande parte. Na Checo-Eslóvaquia foram nacionalizadas todas as actividades cinematográficas — produção, exhibição, distribuição, importação e exportação de filmes e bem assim a propriedade e exploração das salas. Tudo isto, constitui hoje monopólio do Estado. A Rússia continua fechada e cinema estrangeiro, e nem sequer projecta nas salas públicas as actualidades que os governos anglo-americanos, história a companhia de Estalinegrado a Berlim, nem fazer a menor alusão aos aliados conforme notam em acrimónia os jornais britânicos que aquele documento se referiram. O cinema, espelho do mundo e intérprete do momento que passa, reflecte, assim, o descontentamento dos homens.

Mas não é só na Europa, onde há países que impõem medidas drásticas à livre circulação dos filmes, que o cinema luta contra dificuldades de toda a espécie. Hollywood está neste momento a braços com um problema que dura há longos meses: a greve dos pessoais estúdios e laboratórios, com inevitável projecção na qualidade do produto. Já inferiorizada pela mobilização de técnicos de renome e pela insuficiência de matérias-primas essenciais.

O cinema atravessa, pois, uma hora agitada da sua existência. E se assinalamos o facto é apenas com a intenção de dizer ao leitor que não se surpreenda com a falta da indústria levar algum tempo a tomar a marcha acciçada, que está dentro das suas possibilidades e anseios. Tal objecto aparece ligado, deste modo, à reconstrução do mundo e a tudo aquilo que não depende, apenas, da vontade da homens.

FERNANDO FRAGOSO





Ma quem pensa que as vedetas improvisam o trabalho de interpretes, no «plateau». Na realidade, os artistas vão para o estúdio com o trabalho na ponta da lingua. A espontaneidade do cinema americano tem o seu origem na certeza com que os artistas falam. Nesta foto, vemos Irene Dunne, em sua casa, entregue ao estúdio atento do dialogo.



Uma imagem de vida dos estúdios por dentro. Durante o intervalo das filmagens de «Ziegfeld Follies», Lucille Bremer, parceira de Fred Astaire, ouve a vedeta londrina Mary Jo Ellis, num solo de guitarra hawaiiana. Repararam no penteado de Lucille. Diz-se-la uma rainha da época vitoriana, com uma coroa majestática de flores naturais.



Greer Garson esforça-se por convencer Gregory Peck de que o animal que está no sua frente é um cão... Gregory não parece lá muito convencido. Na realidade trata-se de «Gogo», um exemplar magnifico de uma raça oriunda da França. Os nossos avós se encontravam um cão assim, julgavam-no, por certo, obra do diabo...



**E**NTRÉ as artistas portuguesas que vêm dando ao cinema uma contribuição regular, Leonor Maia, a «Tatôa», conta-se no número das principis. Compreende-se, assim, que, na escassa pleiade das raparigas que podem considerar-se vedetas do cinema português, ela se distinga. O público, de resto, já a elegeu no número das suas favoritas. Este retrato da graciosa vedeta tem uma qualidade a recomendá-lo: foi feito num intervalo de filmagens — e apresenta-nos a «Tatôa» tal como é, na vida real.

## NOTA DA SEMANA

**A**CABA de estrear-se em Espanha, «Bambu», o novo filme de Império Argentina, e que se classificou em segundo lugar no concurso do Sindicato Nacional de Espectáculos. Tal facto, só por si, mede o êxito da película. Mas há um aspecto pelo qual ela se coloca muito acima das produções vulgares. A música é do maestro Ernesto Halffter, glória da música espanhola e que há muitos anos reside em Lisboa. E foi dirigida por Pedro de Freitas Branco, que assim acrescentou mais um título de glória à sua carreira de grande director de fama internacional.

Halffter, o director dessa página admirável que é «Rapsódia Portuguesa», declarou, a propósito da música de «Bambu»: — Tive finalmente ensaio de provar a minha velha convicção de que a música para o cinema deve ter uma qualidade tão alta como a melhor música que se possa escrever, com qualquer outra finalidade. Que meditem, nestas palavras, quantos, entre nós, a consideram mera passagem, sem interesse de maior...



Esta foto foi feita, durante as filmagens de «Gaslights», e no dia em que Angela Lansbury, que vemos à esquerda, festejou o seu aniversário. Charles Boyer e Ingrid Bergman, companheiros no elenco daquele filme, reuniram-se por um instante, no recinto do estúdio, para celebrarem com um «sorvete de honra», a festa data do nascimento daquela que a crítica considera justamente como uma das melhores aquisições da América, nos últimos tempos.

## O NOSSO CONCURSO

### Precisam-se 6 raparigas engraçadas para o filme "MATINÉE ÀS 4"

**C**ONCLUIDOS os trabalhos preparatórios para o Concurso que «Vida Mundial Ilustrada» realizou, em colaboração com «Atlante-Filmes», vão as candidatas comparecer perante o júri, para o que receberão avisos individuais. Como já dissemos, serão doze, em vez de seis, as leitoras escolhidas, em virtude do grande número de concorrentes e das possibilidades que muitas evidenciam.

Que as concorrentes mais apressadas nos perdem a demora, mas, com a ida ao Pôrto, onde foi trabalhar no Teatro Sá da Bandeira, da actriz Laura Alves, atrasou em cerca dum mês o início dos trabalhos do filme, motivo porque a escolha já estará feita quando começarem as filmagens.



# HISTÓRIA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XVIII A BARRAGEM DE TOLON

Forças locais (generais Juin e Barré) e as autoridades civis do Norte de África.

ABRIAM DERA ORDENS AOS ALMIRANTES LABOREE E MARQUIS PARA EVITAREM QUAISQUER INCIDENTES COM OS ALIADOS

O relato do «Frankfurter Zeitung», que hoje se reveste dum incontestável interesse e pode ser confrontado com os acontecimentos que posteriormente se desenvolveram no Império colonial francês, prossegue nestes termos:

«Ninguém pode duvidar-se e o almirante de resistência que os franceses ofereceram no Norte de África ao desembarque dos anglo-americanos. Foi no avião do governador geral da Argélia, Yves Chatel, que o general Giraud se fez transportar para o Norte de África, Chatel encontrava-se em Vichy quando se deu o desembarque, e foi a ele que Pétain encarregou de organizar a resistência civil.

O Residente geral em Marrocos, general Nogué, depois de descoberta a tração de Darlan, enviou-lhe um emissário especial a Vichy, a fim de receber instruções directas do governo. Pouco tempo depois, esse emissário regressava a África, mas para se entender directamente com Darlan. O mesmo emissário transmitiu também as instruções que havia recebido a Chatel, ao almirante Fénard, comandante das forças navais francesas no Norte de África, e aos generais Juin e Barré.

A tração de Nogué tornou-se tão patente como a dos restantes cumpridos de anglo-americanos. Sacrificou inutilmente a parte da esquadra fundada em Casablanca para, no final, proceder como Bolson e como o comandante das forças terrestres de Marrocos, general Barreau, o qual entregou aos americanos todo o material de guerra que tinha em seu poder nessa ocasião. São igualmente graves as responsabilidades dos comandantes da esquadra francesa surta em Toulon, almirantes Laboree e Marquis, pois ambos haviam recebido ordens expressas do ministro da Marinha, Arbaud, para evitarem quaisquer incidentes.

O almirante Auphan e o ministro das Comunicações, Gibrat, tiveram de se demitir por não terem encontrado nas suas residências documentos que provavam a sua cumplicidade nesses acontecimentos. Gibrat entrou no governo de Vichy pela mão de Puchet, que fez causa comum com os homens que se revoltaram em África. Assim, assim, a uma crise total do Estado francês, tanto sob o ponto de vista interno como externo. Essa crise, que é total, impõe uma dissolução total.

FOI A FALTA DE COMBUSTÍVEL QUE IMPEDIU A ESQUADRA DE SAIR DE TOLON E DE SE DIRIGIR AOS PORTOS AFRICANOS

Porque não fugiram os navios de guerra franceses, que se encontravam em Toulon, desta base naval, a fim de seguirem, como alguns ainda fizeram, para o Norte de África,

onde os seus serviços seriam de incalculável valor? Porque não correram os oficiais e as equipagens aos apelos instantes que, por todos os meios, lhes foram feitas, e nos quais se recordavam o seu patriotismo e o seu amor à corporação da Armada?

Depois de chegar a Argel o comandante do submarino «Casablanca», um dos poucos navios de guerra franceses que conseguiram escapar e chegar a porto de salvamento, explicou assim a attitude dos seus camaradas que haviam preferido o afundamento à tentativa de fuga a fim de não deixarem que as unidades que tripulavam caíssem nas mãos dos alemães: «Só a falta de combustível tornou impossível, à última hora, a fuga dos navios. De facto, as existências de combustível em Toulon eram escassas, e isso basta para explicar o que se passou no porto e o cumprimento da ordem do almirante Laboree para que os navios se afundassem».

Esta interpretação não foi, mais tarde, invalidada por qualquer outra mais verossímil ou fundamentada, e continua a ser a mais acérrima para justificar o que se passou em Toulon, apesar dos pedidos veementes feitos pelo general De Gaulle e pelo almirante Darlan, que, apesar de se encontrarem em campos opostos e em situações irreconciliáveis, tinham pontos de vista perfeitamente idênticos quanto à necessidade de fazer chegar ao Norte de África as unidades da marinha de guerra francesa que se afundaram em Toulon.

AS UNIDADES QUE FICARAM A MARINHA DE GUERRA FRANCESA DEPOIS DO EPISÓDIO DE TOLON

Depois do afundamento, que fez perder mais de 250 mil toneladas de navios à esquadra francesa, a que ficou está reduzida? Apesar de tudo ficaram ainda a flutuar, espalhadas por vários pontos do globo, algumas unidades valiosas as quais, foi possível, mais tarde, reconstituir o poder naval da França. Essas unidades

desencravavam-se em Alexandria, em Casablanca, em Dakar e na Martinica.

Em Alexandria permaneceu, desde a assinatura do armistício, uma pequena esquadra desarmada que, sob o comando do almirante Godefroy, se compunha das seguintes unidades: couraçado «Lorraine», os cruzadores «Sugren», «Tourville», «Duquesne» e «Duguay-Trouin», os torpedeiros «Baboué», «Portune» e «Forbin» e um submarino «Protée». Estas unidades estavam, como dissemos, desarmadas e com tripulações reduzidas.

Em Casablanca, mais ou menos avariados, encontravam-se o couraçado «Jean Bart», duramente atingido durante a luta com os americanos, e o cruzador «Primauguet», dois torpedeiros, quatro submarinos e alguns navios auxiliares.

Em Dakar estavam o moleirostmo couraçado de 35 mil toneladas «Richelieu», que mais tarde veio a desempenhar o papel de navio-cabeça da esquadra francesa depois de convenientemente reparado nos estaleiros norte-americanos, como as restantes unidades avariadas da mesma esquadra, cinco cruzadores e diversos contra-torpedeiros, submarinos e navios auxiliares.

Finalmente na Martinica, sob o comando do almirante Robert, encontravam-se o porta-aviões «Béarn», os cruzadores «Emile Bertin» e «Jeanne d'Arc» e alguns vapores armados em cruzadores auxiliares.

Tratava-se, como se vê, no seu conjunto, dum força cujos elementos principais existiam naturalmente profundas reparações e uma remodelação, não menos profunda, por seus comandos, quadros de oficiais e equipagens. Essa esquadra, à qual mais tarde se juntaram os navios que, desde a primeira hora, haviam aderido ao general De Gaulle (dos velhos couraçados, diversos contra-torpedeiros e submarinos) voltou, depois da libertação, a representar a França e a sua soberania nas águas de todo o mundo, e constitue actualmente um penhor da ressurreição do tradicional poder naval daquele país.

(Continua)

ALMIRANTE GODEFROY que comandava os navios franceses surtos no porto de Alexandria

Este é o momento de transcrever um artigo sensacional publicado quando do episódio de Toulon, por um dos mais importantes jornais alemães, o «Frankfurter Zeitung», pelo qual era possível constatar que os dirigentes nazis não ignoravam completamente o que, de longe data, estava a preparar-se em França. Mas os meios de que, à nessa altura, dispunham não lhes permitiram enveredar pelo caminho dum repressão limitada, que se revelaria, certamente, mais prejudicial do que vantajosa para os seus interesses fundamentais.

A propósito da conspiração nacional que tomara em França a sua expressão definitiva com a realização do desembarque aliado no Norte de África e com o afundamento da maior parte da esquadra francesa em Toulon, aquele jornal alemão fez as seguintes interessantes revelações:

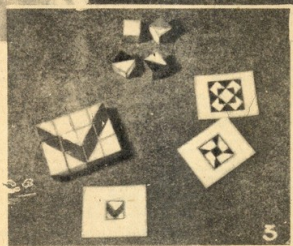
«Todos os dias chegam ao nosso conhecimento pormenores da maior importância, os quais demonstram a existência em França, há muito tempo, dumha conspiração cujas ramificações se haviam estendido profundamente aos meios militares daquele país. Os objectivos dessa conspiração consistiam, sobretudo, em permitir que os anglo-americanos se instalassem no Norte de África e em afastar do poder o governo de Laval, que não tinha a simpatia desses meios.

Os conspiradores ocupavam, há muito tempo, posições predominantes na vida política e administrativa do Estado francês, e não fizeram mais do que aproveitar as fúndes em que se encontravam inventados para executar os seus planos. Recrutaram, para isso, numerosos adeptos em toda a escala dos servidores do Estado e prepararam, assim, as condições que fizeram com que, no momento crítico, o edifício do Estado francês rebentasse por todos os lados.

Em África, em Toulon, em Vichy podem ser encontrados os sinais reveladores da existência dessa conspiração. Nas investigações a que será necessário proceder, para averiguar onde se encontram os verdadeiros responsáveis pelos recentes acontecimentos, devem incluir-se o almirante Darlan, os governadores gerais da Argélia (Chatel), de Marrocos (Nogué) e da África Ocidental (Bolson), bem como os comandantes das







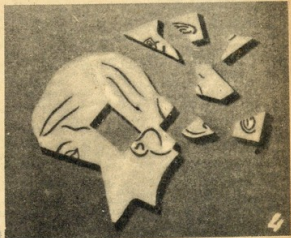
# TESTS DE INTELIGENCIA

1) Tabuinhas de várias formas e tamanhos têm de ser rapidamente colocados nos seus respectivos lugares. 2) «Testa» de velocidade: para ver o tempo que o aluno leva a colocar nos círculos uma série de discos. Está estabelecido que o tempo médio é de quatro minutos. 3) Estes cubos

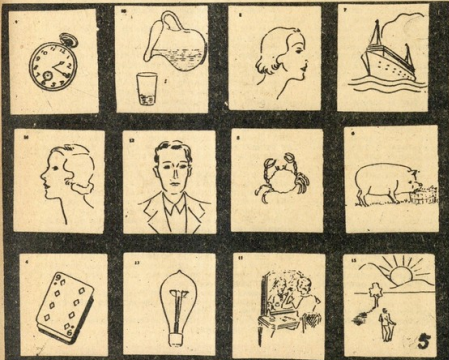
Nos últimos trinta anos, os «tests» de inteligência adquiriram grande popularidade.

O francês Alfredo Biset, foi o seu grande propagandista. Segundo afirmava, os «tests» determinam, com exactidão, a «idade Mental» das pessoas que lhes são submetidas. E a relação entre esta e a idade verdadeira do examinado dá-se o nome de «coeficiente de inteligência». Principalmente na América, os «tests», não deixam de estar em voga.

As fotos mostram alguns «tests» sobre a habilidade para a mecânica e a velocidade em trabalhos manuais.



de cores, têm de ser reunidos conforme os modelos do cartão. 4) Uma cabeça incompleta, para o aluno corrigir rapidamente. 5) Existem erros em cada uma destas doze fotografias. É preciso indicar esses erros, num certo espaço de tempo. 6) «Testa» de aptidão mecânica: consertar, rapidamente, estes pequenos objectos.





# CONTOPOR MANUEL MARTINHO



Ah! Isso era. Nunca Unhais do Centro viria coisa assim! Quando chegasse, enfim, aquele momento solene em que presente d'eu se apresentava...

«Minhas senhoras e meus senhores! É deveras sensibilizado pela forma elevada como estes jogos florais decorram que tenho a honra de vos anunciar que foi atribuído o título de Príncipe dos Poetas de Unhais do Centro ao inspirado autor da «Faisão Ultrazoa». Este poema, que é digno dum descendente da escola camoneana, está assinado com a divisa «Vassallo do Amor». Chamo, pois, ao palco, se estiver presente, o feliz autor!»

Então, diante daquela expectativa, éde, Eduardo, com ar modesto atravessaria, pedindo licença em voz alta, a acanhada sala da Sociedade de Instrução e Recreio, repleta até às galerias. Um sussurro na sala dar-lhe-ia a certeza de que o momento era solene. As palmas dos amigos arrastariam o resto. As filhas do Mendonça, seu chefe, que já subiam em tímidas fileiras de vencedor, arrastariam flores. Vinham abraços — era até natural que tocassem o hino. Ele, porém, faria um gesto: que acalmassem! Com voz cavernosa, repuxada de sentimento, diria de cor aquele poema onde o amor não estava ramalhado. Havia nele uma mulher, uma deusa quasi demónio. Era uma visão que éle, poeta, tivera.

Amara uma mulher: com tód a coragem — e com a paciência de um velho. Era uma mulher, uma deusa, essa mulher, um dia, é toldada por um sol novo, que em vez de dar vida, dá morte. E éle quer a vivê-la — embora sofra os espinhos do ultrage. Luta, sofre.

E já Eduardo — a capellista está fechada... Era a sr. Joana, em casa de quem morava, que vinha da rua, à procura do botão.

— E já Eduardo... a dizer uma praga — quando a sr. Joana perguntou, mostrando um botão que estava à vista, em cima da mesa, se não era aquele o sr. Eduardo? —

O poeta, num instante, abotou o colarinho. Fêz o nó de qualquer maneira, com a gravata torçada, e saiu ao espelho e desandou pela Grand'Alameda, quando no ar rebentavam foguetes de lígrimas.

Entrou na Sociedade — já a música, que viera do Redondo, um sexteto de jazz, atacava um «swing», dançado desastrosamente aos pulos por uma multidão. A sala tinha um cheiro a bafo e a suor.

Eduardo deu uma mázoda, no bufete, ao senhor Vital, da botica, que fazia iscas.

O sr. Crispim, moço reinado, abraçou-o — e quis saber quanto sonetos trazia para ler. Mas Eduardo não lhe voltou resposta. Foi espertar a sala. Lá andava, enlaçada, muito agarradinho, a Cristina, aquela seu amor fatal, que lhe fugira. Sentiu raiva.

— Não por ela — que era uma estouvada, uma caridada amorosa que preferia o petulante Carlos António, um doidivanas, corrupto, vilicioso, que até empenhava o relógio para ir aos balles, ao seu amor — mas porque não enfim para Carlos? — Mas não agora éla havia de vir! Quem valia mais? Era éde, Eduardo, poeta, aspirante de Finaças, que se tinha perdido bebendo nem fumando, ou aquele tarado, maqueando compassos com a tábua fútil dum boémio de scabardes?!

Não — éde, Eduardo, nem queria meças!

— Então, que tal? —

Voltou-se. Era o Vitor Paredes, seu colega de redacção e presidente da Sociedade.

— Temos números em chelo! — continuou éde —. Calcula que até vem um fusilinho para o dia de festa, que gutta servir de base à festa!

Mas, no palco, uma voz forte fêz: schui! Na sala, meio silêncio. E continuaram a ouvir.

Do bufete, a correr, rapazes encalorados vieram espertar a coxia, mastigando as iscas. Um póx, mesmo, a não emgondurada no ombro de éde.

E num desaboto: —

— Não — éde, Eduardo, nem queria meças! —

Eduardo estava atónito. Então os jogos florais? Era lá possível que tivesse estado fora para o que de gutta servir de base à festa?

Mas, no palco, uma voz forte fêz: schui! Na sala, meio silêncio. E continuaram a ouvir.

Do bufete, a correr, rapazes encalorados vieram espertar a coxia, mastigando as iscas. Um póx, mesmo, a não emgondurada no ombro de éde.

— Minhas senhoras... —

Mal ouviu isto, deu um estremecimento o coração de Eduardo — lam anunciar, decerto, o início do sarau.

...e meus senhores! — proseguiu o orador — Vamos dar começo aos nossos jogos florais!

Eduardo tinha a testa inundada de suor. Um sujeito que estava atrás d'ele espirrou-lhe, forte, em cima do pescoco.

Nem deu por isso. Toda a sua vida estava presa àquela boca que, à luz da ribalta, lhe parecia a entrada da glória.

— Vou ter o prazer de apresentar a V. Ex.ª o célebre... —

Eduardo não pôde ouvir mais. Célebre era consi-guio. Pediu licença. Saliu. Veio à janela apunhar ar. Eles, a assistência, decerto o tiram busco. Ouviu uma tempestade de palmas — e, depois, nitidamente, o seu nome: Eduardo! Eduardo!

Voltou-se. Era o sr. Algeria, ainda de luto pela mulher, que, muito triste, o convidava a tomar qualquer coisa — enquanto se passasse aquele número.

— Vá, homem! Um copinho! Agora é o illustre poeta que vai ler! Inat! —

Boca aberta! Se eles vissem, como eu, o Fu-Machê atravessado de espadas no Coliseu — morriam de susto!

Então, Eduardo desabafou. Afinal, os jogos florais não começavam... Isso que devia ser o fulcro da festa ficava esquecido, no fim!

— Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

— Vá, homem! Um copinho! Agora é o illustre poeta que vai ler! Inat! —

Boca aberta! Se eles vissem, como eu, o Fu-Machê atravessado de espadas no Coliseu — morriam de susto!

Então, Eduardo desabafou. Afinal, os jogos florais não começavam... Isso que devia ser o fulcro da festa ficava esquecido, no fim!

— Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

— Vá, homem! Um copinho! Agora é o illustre poeta que vai ler! Inat! —

Boca aberta! Se eles vissem, como eu, o Fu-Machê atravessado de espadas no Coliseu — morriam de susto!

Então, Eduardo desabafou. Afinal, os jogos florais não começavam... Isso que devia ser o fulcro da festa ficava esquecido, no fim!

— Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

— Vá, homem! Um copinho! Agora é o illustre poeta que vai ler! Inat! —

Boca aberta! Se eles vissem, como eu, o Fu-Machê atravessado de espadas no Coliseu — morriam de susto!

Então, Eduardo desabafou. Afinal, os jogos florais não começavam... Isso que devia ser o fulcro da festa ficava esquecido, no fim!

— Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

— Vá, homem! Um copinho! Agora é o illustre poeta que vai ler! Inat! —

Boca aberta! Se eles vissem, como eu, o Fu-Machê atravessado de espadas no Coliseu — morriam de susto!

Então, Eduardo desabafou. Afinal, os jogos florais não começavam... Isso que devia ser o fulcro da festa ficava esquecido, no fim!

— Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

Uma bestas! Vinham cantadores de fado, palhaços, e poetas — coisas mais lindas! — nada... —

**A** JEITOU melhor o nó da gravata, diante do espelho. A camisa, de brilho de esgma, sobressalia de alvura, no fato preto. Mas o nó — aquele eterno nó que nunca fica bem quando se tem pressa! — parecia-lhe enorme, horrível, um cone engechado a amarrotar o colarinho. Tornou a desmanchá-lo, nervoso, com um punção. Mas a madre-pérola do colarinho, desastrosamente, veio também atrás da gravata — e caiu no chão, no meio do quarto.

Já no ar rebentavam os primeiros foguetes. Eduardo sentiu um alvoroço. Há seis meses que esperava, anstoso, aquele dia. Por duas vezes ficara adriada a agorosa festa de que a vila tanto preclava.

Ah! Mas agora não! Ainda bem. Grandes honras, claras inteligências, os organizadores! De tarde a procissão, fóra em chelo. Os círios das bandeiras vieram, na verdade, dar-lhe brilho. Só bandeiras eram duas, sempre ao desafio. O Xico Taranta levava o andar e não trocava o passo, o malandro, que a bandeira que nem um cacho. As filhas do Baptista, do Natário, vestidos de anjo, brancas, enfiadas, metendo os dedos no nariz até tocavam o coração! E que bem o Rosário, mestre de certezas, acudindo a tudo — que nem se esqueceu dos garráres para os da música, sempre de garganta seca. À noite, porém, a festa era diferente. Tratava-se — sabem de que? —

Ah, senhores, o trabalho, as canceiras que éle, pobre Eduardo, da repartição de Finaças, tivera para vencer aquela massa inculca, que prefere o arratal, a novilhada, o fandango com quermesse, a um verdadeiro jogo floral!

Sim, a vila ia assistir aos jogos florais! E não se julgue que não apareceram poetas em barda. Durante seis meses Eduardo, o professor Elias e o sr. tenente, releram centenas de produções. Aquilo apareceu de todo o lado. Unhais do Centro tinha mais poetas que cavadores. E, aqui para nós: coisas lindas! Sonetos, alexandrinos, quadras e redondilhas, tudo bem metrificado, cantando o azul do céu ou as patéias dos olhos negros!

Eduardo ouviu, novamente, o rebentar dum mortelto. Olhou o relógio. Eram nove horas. Já devia estar na Sociedade, a receber os convidados.

— É aquele maldito botão, que se sumira! Os seus olhos correram o sobrado. Chegou a abaxar-se — mas era uma móda, coisa ao rodapé, depre-andou às voltas com o candeeiro, e nada. Desarru-mo os móveis — espertou debaixo da cama — e, por fim, desesperado, de getas, vasculhou por todos os lados. O botão, porém, não aparecia. Gritou, então: Sr.ª Joana! Sr.ª Joana!

A hospedeira andava pelo quintal a recolher as galinhas, mas veio logo, a correr, que o sr. Eduardo não gostava de esperar.

— Não tem por aí um botão de colarinho? Vou a maçada! Cal-me este daqui — e, zai!, não há maneira de aparecer.

A sr. Joana, que era miop, perguntou se o sr. Eduardo já tinha visto debaixo da cama ou na dobra das calças.

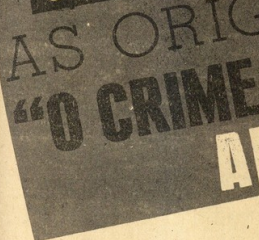
— Sim, já vi! E coelérico: veja se me arranja um em qualquer lado, custe o que custar!

Os foguetes, agora, alegres e festivos, cantavam ao ar.

Eduardo ouviu passar, na rua, gente apressada. As filhas do Encanção do Mercado — homerico — garrulas e estouvadas, com um luxo mundano, iam a falar da festa, que devia ser raffines!



# CARTAS QUEIROZIANAS



Meu querido Amigo:

Aqui temos Eça de Queiroz, que fez o seu curso para cônsul de 1.ª classe, ao mesmo tempo que terminava no *Diário de Notícias* a publicação de *O Mistério da Estrada de Sintra*.

Estamos em princípios de Outubro de 1870, e Eça volta para Létria.

Não nos será difícil supor o que seriam para ele esses longos dias de isolamento, se não procurasse ocupar-se com alguma coisa que prendesse o seu espírito mais que o expediente da repartição... Demais — ouve-o: «...morava numa rua estreita como uma fenda e gostava do destino dum monge: dum lado tinha as velhas paredes da Misericórdia, onde as corujas piavam, do outro as torres da Sé, onde os sinos faziam, a cada momento rolar pelo ar os seus prantos sonoros».

Que havia de fazer Eça? Lia. E tentaria escrever...

Tinha ali o seu Renan e os folhetins de *A Morte de Jesus*, mas continuava essa invocação de Jerusalém e do Templo e do drama do Rabbi, nazaréno depois das páginas ardentes do *Mistério* era-lhe impossível; tinha ali todo o seu Flaubert e alguns volumes da *Comédie Humaine*, e ainda outros que adquirira, nos seus fervores de neofito, para se apoiar de todos os recursos do *Realismo*, e indicado como seu chefe, e cuja celebridade inclinava-o a apreciar a formidável *Bovary*.

Mas eis que neste dia — está atento? — Eça se põe a folhear um desses livros, não se decidira ainda a entrar no distrito gótico que fica a caspelinha-se do primeiro capítulo: *L'Évêché de Bayeux est situé dans une des parties les plus solitaires de la ville. Il ne passe pas quatre personnes par jour dans la rue de l'Évêché...*

É Létria! O século, a teatralidade que o envolve encontra-o em *Monseigneur de Boldschuyver*, e logo, a única coisa que ali parece ainda viver: uma intriga sena e subre de padres e beatas.

É deste livro de Champfleury que procede *O Crime do Padre Amaro*. Quem o ler, não poderá ter dúvidas. E me para responder, o melhor seria enviar-te o meu exemplar; mas vou emprestá-lo a um amigo que deseja tradzi-lo, por conta dum editor que toma a peito associar-se à celebração do Centenário. Vamos a ver se posso dar-te dele uma Idéa geral.

\* \* \*

Acaba de morrer o velho prelado, doente e fatigado da vida (?). Chega o novo bispo, que terá quarenta anos, homem de cultura e entusiasta de renovamentos materiais e morais. Muitas beatas e bastantes padres não o acolhem de boa sombra. É logo um friso de sacerdotes e de mães e de menos sórdidos, mais ou menos estúpidos, mais ou menos maliciosos... Destaca o Padre Ordinaire, vigário geral, que sonha com a sucessão episcopal, bilioso e batallante.

Entre as boas obras que Monseigneur de Boldschuyver quer estabelecer em Bayeux contra o vício do socorro à pobreza enverganhada, tencionando visitar indistintamente todas as famílias da cidade, a fim de estudar as condições de todas as classes, e regular com o melhor tacto possível as relações entre protectores e protegidos. Precisa dum secretário inteligente; e, em vez de procurar-o entre os padres já afetos ao múnus sacerdotal, escolheu um jovem professor do Seminário, que acabava de receber ordens de sub-diócono — Cipriano, muito moço, inteiramente inexperiente da vida, acoutumado docilmente à reclusão.

Este secretário acompanhou o Bispo, que não se poupou à fadiga de visitador, casa por casa, andar pelo andar, família por família, em classes e mais desvaldeados, Cipriano, assistindo, erguia o dossier; e, como Bispo dispunha de recursos pessoais para acudir a socorros — Cipriano, na família Garnier, um velho enfermo e sua

(?) Será bom esclarecer que em 1870 em Létria havia e não havia bispo. D. Joaquim Pereira Ferraz, nomeado para a diocese de Létria em 1862, morreu em 1867, já muito velho e sacado, a Barcelos, com 84 da sua naturalidade (onde viria a falecer, em 1884, em Fevereiro de 1884, de 92 annos de idade). Governador do bispado o chante António Ferreira de Miranda.

mulher quasi cega, foi objecto da mais entrecida dedicação do prelado. Cipriano via-todos os dias. Na modesta casa desses bonos pobres veio a encontrar Madame Lepelletier.

E a velha Garnier perde completamente a vista. Madame accor, acompanhada de sua filha Susana, um boudo de rosa, que Cipriano contempla como se fosse para ele — a primeira mulher. E o encarnatamento começa...

O Dr. Richard, velho amigo do inteiro magistrado de quem a Lepelletier vivára há anos, médico de grande valor, de espirito sarcástico, mas de uma bondade evangélica, é quem trata a pobre cega.

É, a pouco trecho, Cipriano sente necessidade dum repouso, dum retiro espiritual, que o bispo lhe concede, julgando-o acablunhado de tantos trabalhos.

Dr. Richard, subterraneamente, val lavrando no sub-diócono, que a quer desconhecer, e que, se não peça por obras, peça por pensamentos. Dr. Richard, tentando salvar a Garnier da cegueira, quer removê-la para o hospital, mas aquela mansarda é o Jardim das delicias para Cipriano — o que val ser dele se o privam dessa convivência?

Há depois uma grande festividade com uma apparatus prociioso, em que o Dr. de Susana Lepelletier é incendiado por um circo: Cipriano, que fazia de mestre de cerimónias, precipita-se, arranca o véu tomaz, desfalca em seus braços — salva-a.

Os cuidados do Dr. Richard, ao fim de algum tempo, conseguem que se restabelesca sem desfiguração.

Que transes para o sub-diócono Cipriano! Mas é achá a consolação na intimidade de Carlitas que se estabelece no próprio quarto da convalescente.

Esqueceu-me de dizer que, chegando Susana à adolescência, sua mãe se inquietava já com a sua colocação marital, e havia emprestado o Dr. Richard, o seu homem de confiança, a que fosse lançado as vistas para Jônea pessoa...

Quando se deu o desastre da prociissão, Jousseulin, de 23 annos, pequeno empenhado da sub-freguesia, apparece no consultório do médico, tímido, recoso, perturbado, procurando obter informações sobre o estado de Susana. É um apaixonado, que a ama tanto que quasi deseja que elle fizesse desfigurada para poder declará-la! Um bom marido para Susana, se não fosse tão humilde a sua condição social...

Mas, restabelecida, e mais bella ainda, e casadoira, a sua inocência não poderia expor-se ao corpo e alma, sem inquietações das perigosas convivências com o homem de sub-diócono Cipriano, e ao vício da guarda, cujas vestes afugentaria o demónio da concupiscência, de modo a conduzir-lhe dia a dia a pureza, sem mancha, ao Etriatu nupcial.

Entanto... «Amor como Cipriano amava, não era nada que offendesse os mandamentos da Igreja. Qual era o seu sonho? Encontrar-se o mais tempo possível junto de Susana, vésia, ovia, obliá, respirá-la como uma flor...»

E, como já não estava doente e não podia mais vê-la na sua alcova, o que fazia sentia coizualia ao templo, pallido incorruptivo da Virgindade? Torná-la, por assim dizer, como elle, uma pessoa de Reigier, votada ao serviço...

O organista da catedral morrera. Susana tinha, como o maior proveito, recebido lições dum velho mestre de musica o sub-diócono, com ouzada fantasia, viu logo nela uma sublime artista que poderia substituí-lo com vantagem. Elle, proprio, mas suas difficuldades da passagem do piano ao poderoso instrumento que as suas delicadas mãos haviam de dominar. A primeira de ambos foi extrema quando, pela primeira vez, Susana acompanhou o *O salutar*, que Cipriano cantou à missa, e Susana cantou a sua sentia. Elle regulou louvores ao Senhor em presença dos anjos; elle, sobre a qual baixava olheiras profundas, lembrava-lhe a gloria da igreja, e a gloria da terra em concertos de inefável harmonia. E fizeram maravilhas!

Mas Susana, voltando a casa, sentiu-se tão perturbada que a mãe se inquietou; a natureza tão docil e calma de sua filha parecia-lhe em rebelião:

chegou a dizer-lhe que no domingo seguinte não iria tocar órgão... Mas voltou. O Tentador enlucava as almas dos dois jovens, indifferente à circunstância de que um deles se couraçasse com a batina e o outro com o azul da passiva de elegante duma e outra parte, sem que nenhum entrave pudesse oppor-se-lhe. Já Cipriano estava namorado e Susana namorada. Mas não se notado quando a levar as suas cartas ao sitio combinado.

Não tardou que Susana, descendo de noite ao seu jardim, em vez de cartas, encontrasse o próprio Cipriano. Madame Périchon, uma senhora d'atua, subre de seu bello e de suas estatuas, sem que pudesse identificar o namorado. Conseriou a vigilância com seu marido, que afinal descobriu que Susana namorada era...

De facto, este, cuja timidez, depois da sua confissão ao Dr. Richard, não lhe consentira, como antes do desastre da prociissão, passar de dia em frente das janelas de Madame Lepelletier, vibha roudias na escuridão... Confrangido, descobriu o segredo das entrevistas antes de Madame Périchon.

Esta, partilhando o engano de seu marido, comunicou logo a sua descoberta ás suas amigas Loche e aos eclesiásticos que as frequentavam. Todos concluíram que, embora a sentura terminasse, como era lógico, pelo próximo casamento de Susana com Jousseulin, o escândalo merecia ser considerado como de grande gravidade, e os costumes, como uma abominação.

Espalhou-se a nova por toda a cidade, e o bom do Dr. Richard, que não queria alarmar-se...

Era tarde! Susana fugira... Supremas angustias para sua mãe, dilacerando o coração de Richard, que sem demora começou a sua procura.

Mas, como toda a gente em Bayeux, estava bem certo de que o causador de tamanha desgraça fora Jousseulin, o empregado-escutor.

Depois dum agitada conversação com este, reconhece, porém, que era talvez a única pessoa na cidade que não conhecia alindra a fuga. É a deslocação de Jousseulin foi imensa. Sob os golpes de indignação de Richard, atordado e apertado de perguntas, ora imperiosas, ora quasi supplicantes, acabou por dar-lhe o segredo verdadeiro: o verdadeiro escutor era Cipriano! Ele era apenas adorado e seduzido pelo seu velho, durante tantas noites tendo assistido à profanação, sem poder deltar de o amar.

Tal ninguém podia suspellar. E, certo de que o fatal segredo seria guardado involuntariamente por Jousseulin, Richard procura Cipriano. Em vão. Susana... Esta quereria morrer...

Dilógio: «— Não o nomeis, sr. Richard: bastante punido pelos seus tormentos, quer infligir-se uma pena, de que é próprio ser o juiz e o condenado. — A sua consciéncia falou muito tarde... É a única reparação que vos offerece? — Que outra seria possível? — Este homem julgo amar-vos: era jovem, vós também, e arrastou-vos ao erro. — Não me faleis assim, doutor: elle não me arrastou; sentimo-nos levados um para o outro sem reflectir, não culpado. — Contudo, o seu primeiro cuidado devia ser resgatar a sua filha.

«— Ainda que não offerecesse, eu nunca teria consentido em cortar a sua carreira...»

De facto, simples sub-diócono, poderia casar com Susana, mas a sua fé religiosa ardente impediu-o ser sacerdote de Cristo era a sua aspiração suprema e não podia trair o destino a que o votara sua irrefragável vocação!

E como duvidar dos próprios desígnios de Deus quando a sua falta fica occulta aos olhos das fides? Todo o seu peso recaiu sobre Jousseulin, que a indignação pública persegue em defesa da moral offendida. Para cúmulo de punição o sub-revelio, por

(Continua na pág. 10)





# Quantas Queirizias

(Continuação da página 9)

Instituição do Padre Ordinaire, prestigioso director espiritual das beatas Loche, despede-o da reparação, privando-o à sua santa mãe, que o julga um modelo de virtudes, do pão de cada dia.

Porfido, Jousseim divaga pelos arredores de Baveux, imerso na sua dor, e só encontrando consolidação em gritar de continue: Susana! Susana! amovos!

Mas Richard não o esquece, e tudo se irá consertando para a sua felicidade.

Susana — ninguém o saberá senão o médico, eu e tu, e os poucos leitores atentos do livro — sofre um abalo, adoece perigosamente, e Jousseim chega ao sétimo céu da ventura por ter entrada livre na casa do seu refúgio, em Isigny, e se lhe consentir que a veia, como outrora a velara Cipriano. Não com as mesmas vantagens, porque não está entre a vida e a morte, nem sequer o conhece, e a sua paixão pelo fútil do bispo parece tão incurável como a sua doença.

Monsteur de Boldsilver, informado pelo Dr. Richard, pede a readmissão de Jousseim na reparação; e, tendo verificado que Cipriano não é o sacerdote, embora para o alcançar se sujeite às maiores provações, proporciona-lhe o ingresso nas Missões Ultramarinhas.

Instabelece-se, Susana caiu em mistério religioso: as práticas religiosas eram-lhe um sucedâneo calante e doce, decerto não separando inteiramente no seu espírito a adoração de Deus da criação humana, que a dominava ainda.

Mas, pouco a pouco, sob a influência de sua mãe e de Richard, voltou com complacência os seus olhos para o bom Jousseim, e consentiu em ser o esplendor da inocência, enfim vi-toriosa — a bela Madame Jousseim.

Dez anos depois — há muito o antigo amanuense sub-prefeitura era chefe de repartição e Boldsilver bispo de Marsella em um missionário prôno na catedral de Baveux — era Cipriano, mimado dum legenda de marítimos, em terras remotas de Indochina, o mais vivo sucesso; e a bela Madame Jousseim foi das primeiras, sendo a primeira, a lançar a sua péra no confessoriano.

Aeano de fazer-te o resumo, muito alhinhadamente, do desenvolvimento da acção principal do romance de Champfleury. Mas toda a vida é cortada de epíslodos, que mais ou menos directamente se lhe ligam, e onde destacam alguns personagens secundários. Talvez mais interessantes que os dois principais do entredo: as figuras de Susana, e do velho orgão de breduto, ter: um raro relevo de odioso ou d'ômulo, e a intriga clerical constitue sempre o fundo da narrativa.

Ora, querido amigo, foi a leitura do livro — *Monsteur de Boldsilver* — que questionou Eca de Queiroz para escrever *O Crime do Padre Amaro*. Logo que apparece a tradução que te annuncio, poderás verificá-lo.

Claro que Eca era há bastante tempo escritor para se não dar ao decaque grosseiro do entredo e das figuras, e bastante artista para não escolher deitas as que pudessem convir-lhe no quadro da sua Leria, em que a ergua e mantenha.

E com que talento o fez! E que poder de imaginação empregou!

Repareste no velho mestre de música de Susana, a quem Champfleury se refere apenas em duas linhas, que não é apropriada no livro de Leria não há bispo (e Eca não se atreve a tratar dum prelado que há já existido) e os seus badres de Champfleury que tenham importância encontrarão representante: o mais notável d'elles sendo Natário, da ordem de Ordinaire. Eca, porém, carrega mais na classe clereical: assim, a primeira versão de *O Crime do Padre Amaro*, de 1850, pôde dizer-se que não há um padre bom; o único respeitável, seja, o cônego de Silva, apparece em meia página, para, quando se retira da casa da S. e de 1880, o modo de Fogaes e Champfleury, tem encarnação no padre Ferrão, essa figura apostólica que não se esquece de Eca. Dr. Richard avia, no Dr. Gouveia, com a sua extrema liberdade de expressão, mais filosofante e voltairiano que o francês.

que não atabalhoar, não vamos aqui explicar o que decidira Eca ao escrever pela morte de Amélia, sendo inefficazes os recursos médicos. Vamos adiante.

As virtus marcos de beatas só transportadas da obra de Champfleury para a de Eca com mais ou menos fidelidade: as Gansosas, D. Maria da Assunção, D. Josefa, são preciosas variedades portuguezas da espécie.

E evidente que *O Crime do Padre Amaro* é incomparavelmente superior a *Monsteur de Boldsilver*; as figuras têm, em geral, mais caracter e mais desenvolvimento, a co'ecar pelas dos principais protagonistas. Amaro e Amélia ganharam vida, psicológica de intensidade que excede em muito a de Cipriano e Susana.

Como João Eduardo chega a desenharem-se com relevo bastante para o classificar na escala dos seus votados à submissão, que não raro dão bons marcos e úteis servidões do Estado; Jousseim tem simples traços de predestinado, embora com tintas poéticas que movem à piedade, mas não prendem nem interessam. Porém, nem um nem outro descobririam de que morte Amélia e de que Susana fica as portas da morte; ingenuidade passiva dos que só se moverão arrastados por uma engrenagem de que não tem contrário.

Quem tiver a curiosidade de cotejar os dois romances notará que há outras figuras parecidas: o abade de Cortegosa logo lembrará Godeau, o cônego sítuato; e as irmãs Loche... Tu sabes que há na *Diastre* *Conte de Ramires* umas Louzadas que, em rápido perfil, têm com as Loche certa semelhança? E ao padre Com-mendeur, gastrólrico cônico que pede ao padre Aubertin uma descrição dos Instelins em recorte — com usava para os rostos das três pessoas da Santíssima Trindade e dos santos e santas — não deverá nada um padre Pinheiro de *A Reliquia*? Estas vendo que *Monsteur de Boldsilver* foi um tesouro inextinguível para o nosso Eca e não só deste livro de Champfleury é aproveitamos, mas não é agora o intuito do meu trabalho.

A primeira vista costaria a crer: está tal feito do Realismo e do Naturalista... Nem a sua linguagem comporta apreciação assaz honrosa. Nãoham-se os seus diálogos, por exemplo, ao lado dos de Eca de Queiroz: diz-se que este ouviu os seus e outro os inventou, e atender quer à exatidão quer à verosimilhança. Com Champfleury o que se quer a verdade terá a aprender como artista.

Mas Eca, com uma tão grande inventiva, não se dá ao trabalho de verdadeiro — não encontrava factum... e estes. Disse se queixou, mais de uma vez, desoladamente. E cedo accetou o partido de as tomar onde se encontrasse: para ser a sua obra por onde tal se não prove.

Ora neste hoje tão apazado Champfleury achou elle — não há que duvidar — a superioridade do seu mais completo romance.

Olha que, pouco depois de este salte em para se não dar ao decaque grosseiro do entredo e das figuras, e bastante artista para não escolher deitas as que pudessem convir-lhe no quadro da sua Leria, em que a ergua e mantenha.

Mas preciso de terminar, por isso não vou mais longe neste particular, o que aliás me daria prazer. Ficará, para outra vez.

O que quero frisar é que Eca não ficou diminuído pela circumstancia de aproveitar os liameamentos dum livro feito para fabricar o seu mel. Grande merito o que se faz antes pecar com...

Com *O Primo Basilio* lhe ouzou; o tema da obra mais celebre de Flaubert, e demais cingido-se ao seu methodo, aos seus processos, à sua construção sintáctica, etc. *O Capital* Não se vê que teve sobre a mesa de trabalho *L'Education Sentimentale*.

Resumamos: com *O Crime do Padre Amaro* a influencia de Flaubert sobre Eca torna-se predominante, e esta influencia surge não só por elle, mas sim por Champfleury.

Na carta de 1876 a sua Silva Pinto, e de 1880 a sua admissão por Balzac — o seu mestre — e por Dickens, accretando-se a este, o realismo moderno, mas diz que se não esquecerá não ser ingrato para com a influen-

**RÁDIOS DE SOM MARAVILHOSO!**



LANA TURNER

**CABA**

*Jose Costa*

AGENTE OFFICIAL DE TODAS AS MARCAS DE RADIO

**RUA DE S. PAOLO 11-13/LISBOA/TEL. 2 4888**

...SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS DA CAÇA NA



**COMPANHIA IMPERIO DE SEGUROS**

R. GARRETT, 50 LISBOA

ria que tem no realismo Gustavo Flaubert; o seu estilo, a sua profunda ciência dos temperamentos, têm feito na arte moderna uma revolução importante.

De facto, já na primeira factura de *O Crime*, Eca devia muito, estilisticamente, ao autor de *Bovary*.

\* \* \*

Parece-me que tu, depois da estopada que acabo de dar-te ficaras mais habilitado a recharar os Imperituros das tertúlias da Delegação do Turismo, se continuarem a zambir como moças varejeiras.

E, se alguém persistir ainda em

mascar freudismos, apontando em Eca complexos de inferioridade de que se livrara com representar o pai em Amaro e a mãe em Amélia, e em delirar — ó pauco — a ventura que o romance é a história do bastardo, quando o bastardo apenas vive horas e em vagões na sua passagem neste mundo, enfia-lhe na cabeça, como não entra antes de argumentação, umas valentes orbeas á burro, e deixa-o ornear á vontade. Como é que diz o Tolentino?

E por aqui fica, esperando novas das peletas queirozianas em que andas tão empenhado, o teu, bem do coração,

LOPES DE OLIVEIRA



# JANELA ABERTA

## CRIDAS DE SERVIR

O problema das criadas de servir é hoje uma das preocupações das donas de casa — que, às vezes, ociosas, desejam governar o lar pela mão alheia. Bem sabemos que não fica bem a umhas envereadas andarem de esfregão a enxugar a loiça ou a encerrar o esbafado. Para isso havia, — e ainda há — a «mulher a dias», jornalreira, sempre chorosa, com o filho no hospital ou o marido lóhido. A caridade, então, desculpava a mandrice de algumas donas de casa, que, quendoídas com a pouca sorte daquela desgraçada família empurrava pela pela porta fora toda a com a azedar-se da véspera e as códeas desdentadas do jantar. A mulherzita, com dores no peito, arquejando de fraqueza, pulsos débeis de criança, enaboaava trouxas de roupa, limpava, com os olhos fiscalizadores à vista, as capoeiras e o calxote do gato — e, depois de ter ingerido à pre sa, um suculento almôço que o seu esômagô habituado ao café regentava, punha-se como uma negra a passarjar dúzias de meias — e a remendar quanta roupa se tinha esburacado durante uma interminável semana. Essa imensa tarefa era sempre ilustrada com calamitosas recriminações, lamúrias de quem é pobre e lhe falta, desde a saúde ao lume no fogão. A boquinha da noite, ao retirar-se, a mulherzita levava, debaixo do challe um tacho de gulsado, que ficara salgado ou esturrado por descuido, uns trapos velhos para vestir os filhos e meia dúzia de escudos, aninçadores para o outro dia. Chegava a casa, contente, — e a recompensa vinha numa tarela mestra de gritos «ao da guarda» — e dos filhos choramingando, agarrados às saias da mãe. No fundo tudo aquilo se resume na tragédia familiar que é o viver agitado da casa onde não há pão, «todos ralhiam e ninguém tem razão». Na semana seguinte, no dia de ir trabalhar «para a minha senhora», a mulherzita voltava a aparecer, mas nitrada, com um ólha negro e coberto de alvalade, cada vez mais triste — contando que o homem gastava o dinheiro na taberna e que os filhos, doentinhos, ficaram na cama. E recomençava a caridade, curativa e mórvida, a aconselhá-la que o deixasse que metesse as crianças no asilo — e que, santo refúgio, se pusesse a servir. Há estas «mulheres a dias» que quietas toda a meia-burguesia aceitava em casa, com o luxo barato de ter criada vai desaparecendo. De modo que já toda a gente, com ordenado de meia-tigela, reclama uma criada para todo o serviço. Uma serve, nesses lares, positivamente um objecto de empréstimo, e uma míquinha atendida a quem se paga juros — mas se exige, como recompensa, do capital empastado o máximo do esfôrço. Hoje ninguém pensa em

(Continuação da página 16)

## ARACELI CORAL UMA "VEDETA" DO BAILE ESPANHOL, QUE ACABA EM ACTRIZ DO THEATRO PORTU- GUÊS

É um caso estranho este de Araceli Coral, gentil e castiça ballarina espanhola. Veio para Portugal, como todos vêm, para exhibir o seu repertório de danças do seu país. E logo aí marcou um notável lugar, conseguindo raro agrado e a simpatia do público. Mas o clamor do seu êxito nos «dancings» elegantes de Lisboa chegou ao teatro. E uma empresa contractou-a para figurar, como atracção, numa revista. Nesse espectáculo, mais se aformaram as suas reais qualidades. E, agora, apparece-nos como actriz, fazendo um dueto com a artista Teresa Gomes. Num ávontade de pasmarr, Araceli canta, dança e representa — como se há muito estivesse acclumada a tudo isso!

Mas, além disso, a Araceli é uma jóia de rapariga, que depressa conquistou a simpatia de todos. Ainda há dias ella juntou num almôço lódas as agitas que com ella trabalham no teatro, gesto de gentileza e camaradagem, que, por raro, merece ser registado.



O sr. presidente da Câmara Municipal de Lisboa, discursando nos Paços do Conselho, no «Dia da Cidade». Na presidência do sessão vê-se o sr. general Carmona.



O sr. tenente-coronel Salvação Barreto procedendo à condecoração de saposadores bombeiros

## SERÁ CERTO QUE ARRUZA VAI ABANDONAR A VIDA DE TOUREIRO?

SEGUNDO nos dizem de Espanha, consta ali que o famoso «espada» mexicano Carlos Arruza, tão nosso conhecido, e cuja fortuna se calcula em dez milhões de pesetas, não tencionava tourear mais, a não ser em festas de beneficência. Há, até, quem lhe attribua esta frase: «Não voltarei a vestir o traje de luces», nem para tirar o retrato!»

Outras noticias, porém, garantem que Arruza está em combinações para tourear no Perú, voltando, para a próxima época, a tourear em Espanha. Quem terá razão?



A filho do malogrado chefe Langueiro recebe a medalha de Ouro da Cidade, ganha por seu pai, vítima do dever

# TEATRO POLITICO



A Comissão Central do Movimento de Unidades Democráticas, reunião-se, há dias, com os representantes da Imprensa portuguesa e das agências estrangeiras. — O Chefe do Estado votando nas eleições para as Juntas de Freguesia. — O voto do sr. dr. Oliveira Salazar nos mesmos eleições.







# NOS BASTIDORES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA

(Continuação da página 17)

hora depois da sua chegada ao acampamento avançado aliado de Casibile, chegaram de Argel o general Bedell Smith e a sua comitiva, da qual fazia parte o general Zanussi.

O acampamento avançado onde estas conversações tiveram lugar, era formado simplesmente por uma série de tendas, côr de azulejo, instaladas a dez minutos de distância de automóvel do aeródromo de Casibile.

As conversações iniciaram-se às onze horas e Castigliano imediatamente levantou uma objeção. As objeções tinham-se alterado constantemente desde as primeiras negociações de Lisboa, realizadas quinze dias antes, disse.

Os alemães, ou porque suspeitavam que o governo italiano preparava qualquer coisa ou porque se preparavam para a invasão aliada, que presentiam imminente, estavam a enviar grandes quantidades de tropas para a Itália.

Castigliano trouxera consigo uma declaração previamente preparada sobre a posição da Itália, e leu-a. O governo italiano, como governo livre desta este documento — estaria perfeitamente preparado para assinar, sem qualquer demora, as condições que lhe tinham sido submetidas; mas, em vista da modificação das circunstâncias, a Itália era um país ocupado e o seu governo, não sendo livre, não via possibilidades de pôr em execução as condições.

Fortanto — concluiu o documento — se a Itália assinasse as condições do armistício, quais as garantias que podiam ser dadas em como o seu governo e o seu povo seriam protegidos contra os alemães.

Era evidente que Castigliano, que em Lisboa tinha ficado completamente convencido do potencial e superioridade de armas dos Aliados, sobre os alemães, em qualquer batalha no interior da Itália, estava outra vez recoso em consequência do grande influxo das novas divisões alemãs.

Por isso, Smith e Strong, tornaram a usar a mesma espécie de ofensiva psicológica que ajudara a convencer em Lisboa os dois representantes de Badoglio. Declararam abertamente que não proseguiriam com as negociações se fossem levantadas quaisquer objeções às cláusulas do armistício. Os planos para invadir a Itália estavam feitos e nada os alteraria. Não podiam revelar a data ou local, onde se fariam os desembarques, mas asseguravam-lhe que os alemães, os aliados seriam, muito em breve, suficientemente fortes no interior da Itália, para assegurar a necessária protecção.

Dependia, por conseguinte, dos italianos decidir se estavam dispostos a reduzir os seus sofrimentos, recebendo os aliados como libertadores, ou a opor-se-lhes juntamente com os alemães e sofrerem todas as consequências.

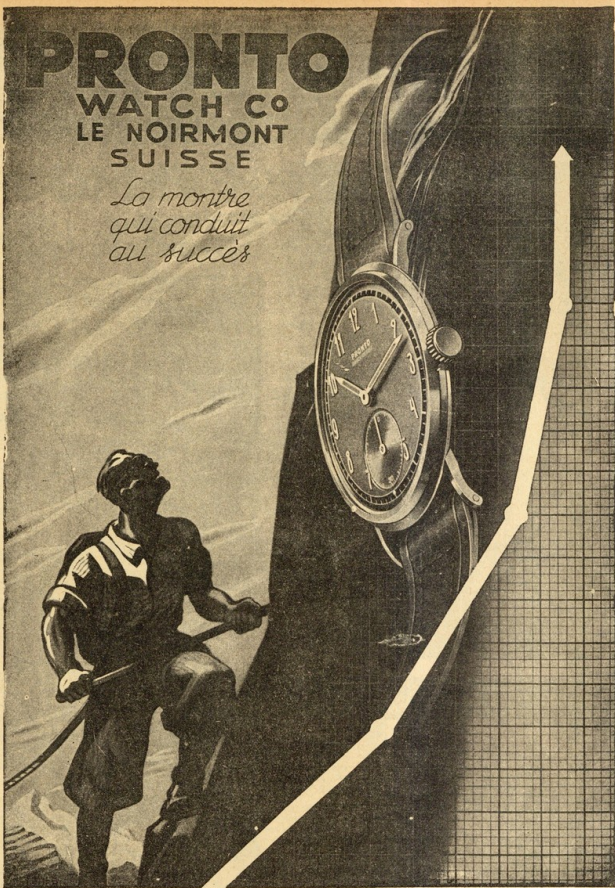
Saltentaram também as terríveis devastações que as forças aéreas tinham causado e estavam a causar às linhas de comunicação da Itália. Todó o sul da Itália já tinha virtualmente perdido o contacto ferroviário com o resto da península. Voltaram a referir-se ao potencial preparado para o ataque, certificando-se que não tinham nada a perder com as revelações feitas. Castigliano necessitava ser encorajado pelos aliados. Em Lisboa, os oficiais anglo-americanos tinham notado que Castigliano sabia um pouco mais de inglês do que manifestava.

Os dois representantes aliados, realmente admiráveis qualidades intelectuais, que, no fim de contas, não é de estranhar em estratagemas tão altas, puseram então uma pequena comédia dramática que provocou a segunda conversação de Castigliano.

Fundamentando-os, claramente, estava a convicção de que, no fundo, o que se dizia tinha fora de autenticidade. Era realmente intenção dos aliados atacar, succedesse o que succedesse, e nada faria modificar esta decisão, fosse qual fosse a reacção da Itália.

Mas, Smith e Strong deixavam de liberadamente descair frases intencionais, durante as conversações em que Castigliano ouvia, com os seus olhos, davam a entender que não lhe raptem tudo quanto sabiam sobre o seu acção das forças aliadas, sobre a rapidez com que poderiam dominar os alemães, etc.

(Continua)



## Carta de Espanha

(Continuação da página 12)

— «**PERIGOSO DEBRUCAR-SE**»  
o que é?

— Uma comédia, meu amigo, uma comédia com lindas canções escritas propositadamente para o filme por Silva Tavares e Anibal Nazari e que foram musicadas por Fernando de Carvalho e Andrade dos Santos. A Mili! cantará uma canção que se chama «Cegueira de Amor...»

— A Mili! Mas então ela não abandonou o cinema? — atalhámos, com autêntica surpresa.

— Sim, — sorri Artur Duarte.

— E que desta vez a Mili! depende definitivamente do público. Não acreditámos muito naquele filme português fala-nos agora da chamada colaboração luso-espanhola que acha admirável. Afirmamos que idênticas colaborações existiram já entre alemães e franceses, espanhóis e alemães, italianos e espanhóis e entre muitos outros povos. E cita-nos uma série de filmes entre os quais «Carmen de Triana», feito em Berlim, na «UFA», «Nada de Novo em

cujo argumento todos nós conhecemos.

Há quasi meia hora que para lá estávamos conversando com Artur Duarte. O Bar entretanto quasi se encheu de castros e de estraladas de todas as grandezas imagináveis. E naquele scéu alegre a futura estrelita portuguesa Maria José, a Zé, valia bem um rolizito de Luso sustiano no meio daqueles olhos grandes, selvagens, petançados e amorosos, sempre desejosos de viverem muito, segundo Don Fernando Curado Ribeiro. Despedimo-nos e agradeceremos a Artur Duarte a sua amabilidade e quasi fugimos daquele scéu tão estrelado pois que como não somos «castros» nem tão pouco «anjinhos» dissemos a Oscar de Lemos que «**PERIGOSO DEBRUCAR-SE**»

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA



# MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ

VAI EXPOR,  
BREVEMENTE,  
EM MADRID



**M**ARIA Adelaide Lima Cruz tem, há muito, firmada a sua personalidade na pintura portuguesa. Artista na plena acepção da palavra, começou cedo a revelar-se — e ainda nos passos hesitantes da adolescência já a crítica a incitava, acolhendô-a festivamente como um extraordinário temperamento. Assim aconteceu, de facto. Discípula dilecta de Mestre Carlos Reis. Maria Adelaide, cedo se emancipou do «escolástico» — que era sempre o desejo do consagrado mestre — para se apresentar, ela própria, cheia de pujante personalidade, servendo dos largos horizontes as tonalidades de cor que o seu raro poder interpretativo, filtrado na sua sensibilidade, sabia emoldurar em quadros de rare beleza. Maria Adelaide Lima Cruz tem a alma romântica debruçada sobre a realidade. O sentido de moderno, a pintura vista pelo prisma das inquietações onde o mundo convulso se debate, sente-o ela abertamente; todavia, o seu pincel não procura — como acontece a muitos — fixar o drama — mas dá-lo em pormenor — pois os ansiosos do seu espírito ultrapassam a dor para procurar a beleza. Há quem julgue que o artista de hoje está conotérico em relação à vida: isto é — que a arte deve sair do complexo de problemas que preocupam o homem.

Daí a nascença duma atitude social na arte.

Mas o artista não pode ser, fundamentalmente, um artifício, um sociólogo, um construtor de idéias com finalidade.

A arte não é tese. A arte é ansio no ponto onde o ansio se confunde com o génio! Não há, pois, fronteiras no artista, nem caminhos, e, por consequência, finalidades. Se houvesse, em arte, um caminho, uma escola intangível, ela teria já, amolecida, apática, sem evolução, cristalizado na Beleza suprema, e o artista, atingida essa meta, teria saudades de voltar atrás para recomençar... Ora na arte nunca se sabe onde está o fim. O sonho do artista é como a felicidade — vá lá esta imperdoável igneum — fuge sempre diante das mãos,

sem se alcançar. Evidentemente que o artista não pode criar um mundo fora do mundo que o rodeia. Sensível à dor, às inquietações, êle deixa transparecer na tela o clima que o rodeia.

Mas não o faz preconcebido da finalidade; a arte não vai demonstrar; quando muito documenta, regista; e o fenómeno é subjectivo, porque vive dentro dele e não é criado, objectivamente, para impressionar as massas.

A atitude social do artista é, por consequência, a transparência da sua alma que sofre, como jingüeta, as grandes dores do mundo. Então, a vida e a dor, o horizonte e a beleza dão, por existirem na alma do artista, essa dualidade — o sentimento e o coração — que é o fulcro da pintura moderna. O pintor não se isola — abre uma janela sobre o mundo e sente, a germinar, as inquietações. Já não basta pintar — é preciso encontrar as almas.

E eis o sortilégio da arte, sempre divina — na própria «natureza morta» há palpitações de seiva, há calor de sol, há luta, enfim, nos troncos e nas raízes! Maria Adelaide Lima Cruz chegou de Espanha aqui há dias, e como é, de facto, uma das primeiras artistas portuguesas, culta, inteligente, havia interesse em ouvi-la.

Um acaso feliz proporcionou o encontro, à saída da Bertrand, numa tarde chuvosa, com o Chiado de guarda-chuva aberto.

— Venho radiante! — começou a ilustrar artista — Não calcula que bem que me receberam. E olhe que não levei cartas de apresentação. Apenas fotografias de trabalhos meus! Os museus espanhóis são um encanto!

E com entusiasmo:  
— Ficaria ali eternamente enamorada, se a minha demora não fosse tão curta. Penso, porém, voltar em breve...

— Quando?  
— Ainda não sei. Vou fazer uma exposição no Círculo de Belas-Artes. A hospitalidade e o cavalheirismo com que me receberam é para mim inolvidável. O pintor D. Júlio Moisés, secretário ge-

ral do Círculo, pôs logo à minha disposição uma das salas do Círculo.

— Nesse caso...  
— Sim. Irei a Madrid brevemente. Estou já a trabalhar.  
— Que quadros leva? Motivos portugueses?

— Certamente. Tenho uma colecção dos nossos bairros típicos: Alfama, Mouraria, Madragoa, o Castelo... Quadros que evocam o nosso folclore, sempre tão rico, pedaços das nossas províncias...

— O leão só?  
— E desenhos.  
E com um sorriso:  
— Não ficarei por Madrid...  
— ?...  
— Sim; penso expor no Rio de Janeiro e, depois, em Nova-York. É uma tentação correr mundo!

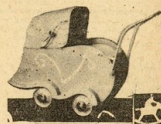
Maria Adelaide Lima Cruz, que é Primeira Medalha das Belas-Artes, fala depois da sua peregrinação por terras de Espanha.

A casa de Greco, do Museu do Prado, restaurado, o «Romântico» — uma maravilha — museus onde se podem ver, desde as mobílias aos trajes, tudo arrumado artisticamente, com um requinte que deleita a alma.

E a terminar, num apêto de mão:  
— Estou ansiosa por expor em Madrid. Compreende: os artistas são sempre inquietos nos seus sonhos...

Aguardemos este novo triunfo duma artista que tem prestigiado a arte — e que, lá fora, há-de saber impor o seu nome e projectar, por consequência, a pintura portuguesa, que ela tanto honra.  
M. M.

CARRINHOS PARA BEBÉS  
E CADEIRINHAS



*Fabrimca*  
A pronto e com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.<sup>DA</sup>  
R. Aree do Bandeira, 73, L.<sup>o</sup>  
LISBOA — Telef. 2 6713  
(Atendem-se pedidos da provincia)



Maria Adelaide Lima Cruz, pintando uma «natureza morta», em pleno ar livre.



# Parece que o Verão ainda não se foi embora...

(Continuação da página 29)

statia muito simplesmente em poder surpreender a Mãe, despejada da sala de alca, da blusa bordada, da maleta de palha, para lhe fazer sentir com um olhar trónico, o sem motivo das suas preocupações na rua — no eléctrico...

Chegimos à piscina do Sport Algés e Dafundo. A Mãe, em passo atlético galgou os degraus da escada e correu para o lado da água, para se emburrar no seu «smallots». Eu pendurei-me num cagarro e aguardei a minha hora de sermos dois.

Na piscina retinava um movimento desuado. Dançava no ambiente uma alegria ruidosa mas soava a falso. A época calmosa partira já na sua vingem de um ano. Os restos de calor que ainda nos afrontam, não são mais do que a cauda de S. Ex.º o Verão. Os dias cinzentos, breves virão tomar o lugar do sol; não tarda que os casacos pesados, despojem a leveza das «etamines»; pouco falta para ouvirmos o crepitar dos braseiros, em vez do soprar dos enclimados.

E toda aquela gente moça, sentia que vão terminar os seus folgores estivais e lançava-se na folia loucamente, sotregamente, apoderada de veemente desejo de se aciar, de se aritar num minuto de todos os prazeres, quando o não conseguiu em três meses. E lançavam-se, e chapinhavam naquela «estira de um azul transparente, com a ansia do náufrago que abraçava para se agarrar à vida. Aquel empoleiravam-se na torre de saltos e lançavam-se exibindo os mais variados estilos; aí, um grupo de raparigas, fazia os mais diversos jogos, desenhando, à tona e água, caprichosos conjuntos; acolá defrontavam-se em velocidade num «crowll» impecável.

E gritavam. E pulavam. E riam em estusante alegria. Mas essa alegria é forçada. Todos eles a exibiam como um adeus saudoso. Todos eles pensavam na monotonia das aulas, na tragédia dos empregos, que têm de suportar, até que o verão volte outra vez, reverberante como um rel, sufocante como um forno. Aquêde

gargalhar, aquele tagarelar, lembrava o alarido alegre — alegre para encobrir a tristeza — dos parentes adidosos que se despejam do ente querido que vai partir.

Dos degraus das bancadas completamente desertas sobressalou um parabolho, numa semi-nudez séria, cujo isolamento me trouxe à lembrança o idilho do 29 com a Maria Popolina...

No cas, o conhecido Petros, de robe e talcoa, com um ar paternal, corrigia o estilo a um nadador pendurado de um clinto: «Mais rápido êsse batimento!» Passa a entrada da mão encurvadida «Rápido agora!». E o alarido não cessava. Não cessaria nunca mais, se fosse possível fazer retroceder êste verão cruel que se foi embora. Mas, se falsa, é oca, aquela alegria que finalmente, não mais do que saudade. Saudade do delicioso brinquedo que o tempo na sua marcha imperturbável, nos rouba todos os anos, hora n'ouzo restituir depois. E até as águas tinham um brilho triste, aquêde brilho baço dos olhos dos moribundos...

Já não se lembrava...  
E a Mãe! E a minha vingança? Oh! Lá viria ela, «bebeta», flexível, atlética, pronta a banhar-se numa despedida saudável.

Encarou-a sedento de vingança, cisposo a martelar com um sorriso de «terrores».

«O que é isso, doutor? Não fui caça. Não impávido, sem vislumbres de excitação, como se tivesse diante de mim uma averde de Eça, com um «smallots» de fantasias em vez do manto d'afano.

A Mãe perdera todo o interesse. Faltava-lhe... faltava-lhe o vestido. Não há dúvida. Os vestidos são as únicas atrações da mulher. São eles que nos prendem, que nos atraem, que atram, na sua graciosidade, na sua discreção, com punhadões de interrogações para cima da nossa pasmaciera...

CARLOS RUAS



APRESENTA A  
MAIS RICA  
COLECCÃO DE  
PELES E CON-  
FECCÕES NOS  
SEUS ESTABE-  
LECIMENTOS  
DAS

RUA DO CARMO, 29-31  
RUA DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X. 20784  
LISBOA

## CRIADAS

(Continuação da página 11)

traballar, ou, por outra, gostam de trabalhar mandando.

«A Maria, que conselha! Meta-me essa roupa em sabão!

Grita o marido do quarto: — Maria aquece-me a água para o banho, que hoje é domingo!

Maria isto, Maria aquilo, Maria para aqui Maria para acolá, tudo aos gritos, como se a pobre moça que andava, feliz e contente a pastorear o rebanho lá pela serra, fosse um fantoche, preso por guilgas, que mexe e corre, puxada aos repêdes — num espectáculo cómico da burguesia.

De modo que a criada, seguindo o fenómeno das massas, também se quis emancipar e, surdamente, moveu o seu processo de revolta. Houve um tempo, ainda há pouco, em que as criadas voltavam as costas aos anaclicados — isto é, preferiam as casas estrangeiras, com legítimos cozinhados e onde não havia nem fiscalização de preço nem rapariga nas namoradas...

Comçaram também, a vobijar o guarda-roupa das patroas. Vestiram-lhes as salas — e andaram, por bai-

larticos, com os casacos de peles. Pintaram as unhas — aprenderam, rapidamente, o vocabulário da mi-criação — e, com atitudes de senhoritas, pensam conquistar além do «guita», — o filho da dona da casa se for rapaz atrevido.

Ora é evidente que a criada assim para nada serve. De modo que, tirando umas excepções, são raras as donas de casa que se não queixam de que as criadas lhes fazem a cabeça em água.

— Há! Há! problema! Devia ser dos primeiros a ser resolvido! — costumam dizer.

Talvez isso um dia se acabe...

LIVRARIA ECLECTICA  
LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas  
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

UMA MEIA MEIA FEITA  
OUTRA MEIA POR FAZER  
SE AS NÃO COMPRAR NESTA CASA  
MUITO TERÁ QUE COSER

Meia de Vidro  
RUA AUGUSTA, 158 — LISBOA

PASTA  
MEDICAL  
Couto  
TRATÁ TODAS  
AS  
DOENÇAS DA  
BOCA

- Medicinal pequena — tubo 11\$00
- Medicinal grande — tubo 17\$50
- Vulgar pequena — tubo 4\$00
- Vulgar grande — tubo 7\$00

Vende-se nas Farmácias e Drograrias  
Depoítas: Cada caixa 3\$00  
Lisboa — Largo do Contador Mór, 4-A  
Porto — Largo de S. Domingos, 108

Rainha da Hungria  
OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

N.º CAMPOS  
RAINHA DA HUNGRIA



III  
POR  
JOSÉ CORREIA  
RIBEIRO  
CONTINUAÇÃO  
DOS NÚMEROS  
ANTERIORES

NOS BASTIDORES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA

COMO FOI PREPARADO EM LISBOA,

O ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

**S**E assim fosse, isto constituiria um estado de coisas intolerável para os aliados, em semelhantes circunstâncias, visto que era absolutamente essencial um acordo inofensivo com o governo italiano existente.

Agindo com as maiores precauções o quartel-general aliado deu instruções para que Zanussi e o general de Wlart fossem separados e para o primeiro fossem enviados em segredo para o Norte de África. Assim se fez e Zanussi foi conduzido para uma pequena vila situada a poucos quilômetros de Argel.

O general de Wlart foi transportado de avião para Londres, onde durante alguns dias a sua presença foi conservada tão secreta quanto possível. A explicação atribuída ao seu inesperado regresso à Inglaterra foi que tinha sido libertado num gesto humanitário, porque a sua saúde não aguentaria por mais tempo, a reclusão num campo de prisioneiros italiano.

Em Argel, assentou-se o recibo e a desconfiança quando nenhuma comunicação radiotelegráfica foi ouvida no primeiro dia previsto: 26 de Agosto. Isto sucedeu provavelmente porque Castellano e Montanari não tinham tido ainda tempo de chegar a Roma e de organizar devidamente as comunicações.

Ou talvez tivesse sido por causa das condições atmosféricas que, mais tarde, iam provocando a ruína deste meio de ligação secreto e, numa ocasião de vital importância, cujas motivações em desastre de tremendas consequências.

As vinte e quatro horas de espera que se seguiram, foram caracterizadas por uma tensão insuperável. Mas, a primeira mensagem de Roma foi recebida ao meio-dia de quinta-feira, 27. Era simplesmente uma mensagem de uma única palavra, tal como fora combinado. A partir de então, conforme a combinação feita em Lisboa, estabeleceu-se contacto entre os dois emissores de três em três horas.

Zanussi fora, entretanto, informado das negociações de Lisboa e das condições de que Castellano fora portador. Uma das primeiras mensagens enviadas pelo transmissor de Argel foi uma declaração de Zanussi, aconselhando Badoglio a aceitar imediatamente as propostas anglo-americanas.

A recepção dessa mensagem de uma palavra, ao meio-dia de quinta-feira, desativou, claro está, todos os recios existentes em Argel sobre o regresso a Roma de Castellano e Montanari e sobre a entrega das condições aliadas a Badoglio.

UM ARDIL DE GUERRA

Castellano e Montanari eram os únicos negociadores que interessavam às autoridades aliadas. O quartel-general de Argel não se negou, de modo algum, a transmitir a entusiástica aprovação de Zanussi, mas a verdade é que nunca desapareceu totalmente a impressão de suspeita evocada pelo súbito e misterioso aparecimento em cena deste novo representante italiano.

Apesar da manifesta ansiedade de Zanussi de tomar parte activa na questão, desse momento em diante, a sua presença nas negociações desvaneceu-se completamente.

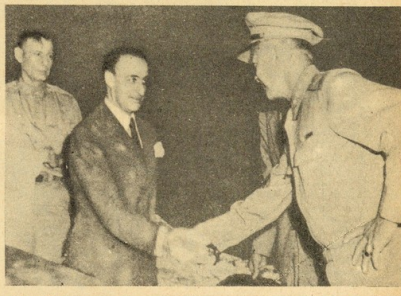
Quando Castellano voltou a aparecer pessoalmente para tratar da segunda fase das negociações, Zanussi acompanhou-o no regresso a Roma. O general Castellano e Franco Montanari tornaram a aparecer para prosseguir nas negociações de armistício, cinco dias depois, isto é, a 31 de Agosto.

O encontro foi preparado por intermédio do aparelho portátil transportado para Roma, e o palco das discussões transplantou-se para a Sicília.

Castellano fizera, em Roma, uma verdadeira transacção comercial. Na capital portuguesa, fora traçado na sua presença um panorama exagerado do potencial anglo-americano e das possibilidades imediatas das forças anglo-americanas atacarem o continente.

Isto fazia parte dum legítima *ruse de guerre* de que os negociadores aliados se tinham aproveitado. Eles tinham todos os direitos de utilizar quaisquer meios ao seu alcance para pôr a Itália fora de combate, e se o pudessem fazer parcialmente à custa dum golpe diplomático em vez de sacrificiar tropas, tanto melhor.

O principal recio dos Italianos era, naturalmente, a reacção alemã, uma vez que a notícia do armistício fosse comunicada ao mundo. A Alemanha dispunha de bastantes tropas na Itália, e ninguém melhor do que



O ponto culminante dum grande golpe político-militar. Depois de ter assinado o armistício, Castellano aperta o mão ao general Eisenhower. À esquerda, segurando o histórico documento está o general Smith.

os Italianos conhecia a brutalidade característica dos germanos.

Castellano advogava eloquentemente a causa do armistício junto de Badoglio e dos seus conselheiros e conseguiu convertê-los à sua maneira de pensar. O único ponto em que Roma desejava uma alteração, era nas datas. Queriam o retardamento da comunicação do armistício de modo a permitir-lhes, com vagar, uma preparação adequada contra a violência germanica.

Os Italianos não sabiam manifestamente que os planos para a invasão de Salerno tinham já sido aprovados e que o assalto em grande escala contra a costa sul da Itália estava marcado para um dos dias mais próximos.

Depois da persuasiva exposição de Castellano, todas as condições, com

excepção desta, foram consideradas inteiramente satisfatórias.

Os dois delegados Italianos partiram de Roma num avião «Savoia-Marchetti» na manhã de terça-feira, 31 de Agosto, com a aprovação do governo. O destino desta viagem aérea, conforme foi anunciado oficialmente, era a Sardenha, o que enquadrou o deslocamento dos dois oficiais na série de vãos rotineiros relacionados com as operações militares Italianas naquela ilha.

Porém, uma vez afastado da costa italiana, o avião dirigiu-se para o sul da Sicília. As forças aéreas aliadas tinham sido avisadas da chegada iminente deste avião, e «Spitfires» britânicos e «Invaders» e «Warhawks» americanos deturaram-no passar sem o molestar sobre o território aliado.

As baterias anti-aéreas do aeródromo de Termini, onde o aparelho deveria aterrar, também tinham sido avisadas, e as peças permaneceram estranhamente silenciosas enquanto o grande avião com as cores Italianas batidas pelo sol, veio posar naquela base dos caças aliados.

UMA ENTREVISTA NA SICÍLIA

O brigadeiro Strong esperava os recém-chegados no aeródromo e os dois Italianos foram convidados a entrar para um automóvel militar, que tinha sob o escapot uma enorme estrela branca de cinco pontos para indicar aos aviadores a nacionalidade do veículo.

O carro seguiu de Termini, que fica a meio caminho da costa norte da Sicília, para Cassibile, situada a poucas milhas a oeste de Siracusa.

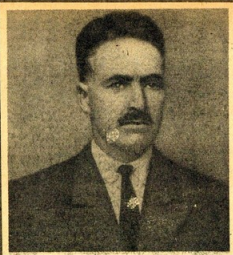
De Roma à Sicília a viagem de avião é curta e pouco demorada. A manhã ainda estava em meio. Melá

(Continua da página 14)

O tenente-general Walter Bld., Smith, herói das melodramáticas negociações de Lisboa, assinou o armistício em nome dos Aliados. Castellano e Montanari (ambos a poisseno) e outros oficiais aliados assistem interessados.







Este é o retrato de Adelfino Alves Baeta, que vem estampado no seu livro «Exemplos e Reparos».

# SUSPEITO QUE SOU A REINCARNAÇÃO DO BOCAGE! DISSE-NOS

# BAETA

## BAGAGEIRO, POETA, FILÓSOFO E AUTODIDATA

**A**QUELA hora o movimento da «gare» era intenso. Cá fora, dezenas de pessoas aguardavam pacientemente a chegada do comboio da Beira Baixa. Os automóveis galgavam vertiginosamente a íngreme ladeira da Calçada do Carmo enquanto que, lextos e solícitos, emolnhas e bagageiros disputavam entre si a posse das bagagens. O comboio do Norte estava prestes a partir. Alguns retardatários consultam o relógio da estação e estacam. Outros, mais expeditos, avançam munidos já do bilhete e, num relance, transepam a porta meia aberta da «gare», em direcção ao comboio. Junto a um dos «gruchetas» um homenzinho inexpressivo e enérgico, o empregado, insiste com êle para que o troque o bilhete e exige o reembolso da diferença.

Entretanto, o comboio chega. Da «gare» saíam açodados os primeiros passageiros.

A seu lado, ajoalhados ao pé das malas, os bagageiros acompanham-nos com dificuldade. Um homem alto e robusto, envergando calça e casaco de ganga acerca-se de um indivíduo e pergunta: — Moco, é preciso?

— Só se fór para me levar! — respondeu o Interpelado.

O bagageiro, que já antes despertara a nossa atenção, respondeu imediatamente:

— Está enganado. Não estou habituado a andar com burros às costas...

Um côro de gargalhadas e uma voz que se fêz ouvir: — «Bravo, seu Baeta»...

E dirigindo-se depois, sorridente, a nós:

— Desejam alguma coisa? — Nada! Estamos aqui por officio! Somos da Imprensa — objectámos.

— Ah! São dos jornais!... Pois eu, que aqui vém, também escrevo. Se calhar não me conhece... Sou o Adelfino Baeta!

Respondemos-lhe, simplesmente, que não tínhamos essa honra, e ele esclarece-nos:

— Sou o Baeta. Nascei em Roda de Cineira e vou fazer 55 anos. Aposto que também não sabem onde fica Roda de Cineira! — exclamou.

Confessamos-lhe que não, e ele prosegue:

— Que ignorância vai por este mundo, Santo Deus... Então os senhores nem ao menos sabem geografia? E Vilers Sours Hosté? Também não sabem, é bem de ver. Pois fiquem sabendo que foi onde eu estive em 1818, na Grande Guerra.

É em França, meus amigos, é em França...

— O senhor Baeta não é poeta? — Inquirimos.

O nosso Interpelado hesita um instante na resposta e olha em redor. Depois de verificar que estamos sós, ergue a voz e diz-nos:

— Sou uma mistura de poeta e filósofo. E já publiquei dois livrinhos: «Bon Caminhos» e «Exemplos e Reparos». Nunca em minha vida tive professor — elucida-nos — e tudo quanto sei aprendi à minha custa: O género de poesia que eu cultivo só teve um exemplo único entre nós: Bocage. Suspeito que dentro de mim vive o espírito desse grande poeta, que sou a sua reencarnação...

O amigo Baeta mostra-nos uma das suas obras, o livro «Exemplos e Reparos», que já vai na segunda edição, e do qual transcrevemos estas quadras:

*Quanto mais se estuda  
Mala brutas estamos...  
De inventos são inenros  
E com êles nos calamos.*

*Viva a génie portuguez  
O grande povo ardido...  
Tantas vezes chamado à recorda  
E sempre manáo um cordeiro.*

*Ser pobre e doutor  
É uma verdade nua...  
Que impuzta ser intelligente  
E andar a vorrer a rua.*

*Não conheço os bancos da escola  
Nem lá do pouso o meu professor...  
Sei que sou um bagageiro  
E das ovelhas fui pastor.*

« É este pensamento, que não resistimos à tentação de oferecer aos leitores: «Quando fôres dirigente da tua nação, não pases só pelas avencidas!...»

\* \* \*

Alves Baeta conta-nos depois o seguinte episódio:

— Um dia dêstes, quando mas encontrava em pleno Rossto, pus as malas que transportava no chão e fiz duas quadras bem bonitas. O freguês ficou a olhar para mim com ar apavorado. Eu lhes explico melhor: Caminhava eu em direcção à esquadra do Teatro Nacional. Nisto, uma voz misteriosasgredou-me ao ouvido: — Baeta, meu querido confrade Baeta, faz um verso... E all mesmo com duas quadras maravilhosas... É claro que o freguês, irritado comigo, se passou... Mas o senhor compreende: era um asno... Que sabia êle de filosofia!

— Mas, amigo Baeta — redarguimos — o senhor que possui um génio poético inegualável, nunca teve outras ambições? Porque não concorreu ainda, por exemplo, com uma das suas obras à Academia?

— Eu não gosto disso — disse-nos ligeiramente irritado. — Eu só possuo o fato que trago no corpo e não tenho dinheiro para festarolas.

E com melancolia:

— Nos dias da folga, o fato vai para a celha e lava-se. Eu fico tóda a manhã na cama aguardando que êle enxugue. Enquanto espero, componho versos.

E acrescentou:

— Lá no Bairro, tenho dois amigos: o Jóllo e o Joaquin, que frequentam todos os domingos casa colsa... Ambos são membros da direcção. A mim, já pretenderam êles fazer-me, por diversas vezes, sócio, mas nunca fui nisso. No entanto, posso afir-

mar-lhes que a Academia lá do bairro tem um bom conjunto filarmónico.

As nossas gargalhadas fizeram sorrir o senhor Baeta que, entretanto, desconfiado, perguntou:

— De que se riem os senhores? — É que nós, senhor Baeta, falávamos-lhe da nobre Academia das Ciências...

E êle, com ar grave:

— Mas, então, o que tem lá isso de extraordinário... É por aquela ser frequentada por gente do povo que os senhores desdenham!... Então os senhores não sabem que o verso, quer seja soneto ou redondilha, é sempre verso...

De longe, alguém indaga em voz alta: — Onde está o Baeta?

Advertimo-lo de que o procuram, e êle diz-nos, empergado e sério:

— Adeus, meus senhores. Desta vez tenho o presentimento de que não é o espírito do Bocage a chamar-me... É o comboio correio que chega...

GUILHERME DE OUREM



O poeta Alves Baeta nas suas funções de bagageiro...

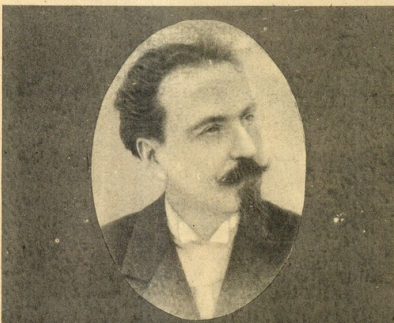




Um aspecto do elevador de Santo Justo, que fez agora 44 anos.

— Ora viva o amigo elevador!...  
— Viva...  
— Então isso vai melhor?!  
— Felizmente, já não sinto tanto aquelas picadas...  
— O amigo está com bom aspecto...  
— Pois sim, mas ninguém queira passar o que eu passei... esta brotoeira que tive ia-me dando cabo da pele...  
— Mas ficou como novel...

— Novo sou eu... Faço agora 44 anos...  
— Pois olhe que está bem crescido para a idade!...  
— Só trinta e dois metros...  
— Trinta e dois?!  
— Pouco mais ou menos... e o meu viaduto mede 25 metros à vontade...  
— É obra!  
— Se é! Mas o meu progenitor quando se metia a fazer as coisas, deixava-as bem feitas...  
— Ainda se lembra dele?!  
— Se me lembro! Parece-me que ainda o estou a ver a dirigir a construção dos pilares... todo movimento e energia, confiando o seu romântico «cavagnac»...  
— Era francês, não era?  
— Não senhor! Era filho de franceses, mas nasceu em Portugal.  
— Julguei...  
— Pois julgou mal! Ratú! Mesnier de Ponsard, era bem português de alma e coração... Foi aqui que ele realizou toda a sua obra...  
— Fêz mais alguma coisa que se visse?  
— Se fêz?! Até parece mal essa ignorância... Foi êle que construiu o primeiro elevador em Portugal...  
— O primeiro!  
— Sim senhor! O do Monte do Bom Jesus de Braga...  
— E a seguir foi o amigo...  
— Não! Não!... A seguir foi o do Lavra... E... deixe ver se me lembro...

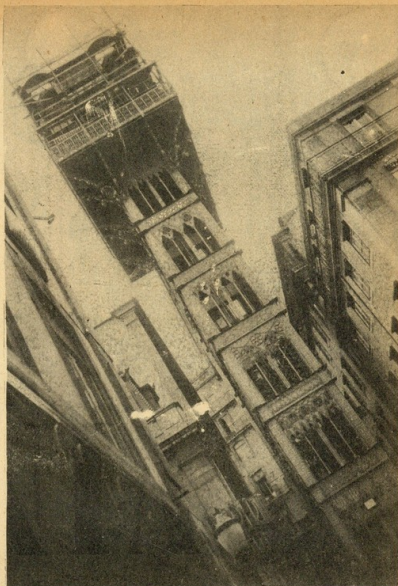


o engenheiro Mesnier de Ponsard, que construiu os elevadores do Bom Jesus de Braga, Glória, Lavra, Estrela, Bica e Santo Justo.

# O ELEVADOR DE S.ª JUSTA FEZ AGORA 44 ANOS

E CONTA-NOS A SUA HISTÓRIA...

Uma entrevista-biagra de STÉLIO GIL



O elevador depois das obras, parece ter removido...

Ah!... depois o da Estrela, o da Bica, e até me parece que o de S. Sebastião da Pedreira...  
— S. Sebastião da Pedreira?!  
— Sim! Sim! Mas êsse acabou...  
Parece que a exploração dêle não dava lucros compensadores...  
— O amigo elevador tem boa memória...  
— Uma memória de ferro...  
— Ainda se lembra quem foi a primeira pessoa que o atravessou?!  
— Então não me hei-de lembrar?! Foi um operário chamado Luís Pinto de Oliveira... Até me recordei que foi a um sábado... Sábado, 31 de Agosto de 1901...  
— Mas não foi em Outubro!  
— Em Outubro foi a inauguração para o público, mas em 31 de Agosto foi o meu grande dia... Grande dia para mim, e para Lisboa inteira, pois a cidade veio em péso assistir ao lançamento do viaduto...  
— Também gostava de ter assistido...  
— A manobra levou três horas e meia... mas ninguém arredou pé...  
— E não houve complicações?!  
— Se houve! Até um fio eléctrico ia prejudicando o êxito da obra...  
— Sim?  
— É verdade! Mas a coragem de dois

rapazes, que fizeram umas pamosas acrobacias, seguros por um cinto a uma das régua da ponte, desimpedi o caminho e a manobra seguiu a bom termo...  
— Ainda serão vivos êsses dois rapazes?...  
— Não sei! Como vê eu nunca mais poudo sair daqui para os ir procurar e agradecer-lhe, mas fixei-lhe os nomes para sempre...  
— Ah! Isso é que é gratidão!...  
— Chamavam-se... Luís Pinto e Luís Burra...  
— Um pinto e um burra, têm graça...  
— Pois olhe que, apesar dos apêlidos, portaram-se como homens a valer... A êles devo eu que o meu nascimento não fôsse assinalado trágicamente...  
— Longe vá o agoiro!...  
— E em tão boa hora nasci, que até hoje, felizmente, nunca tive um desastre, apesar de estar aqui há 44 anos a trabalhar dia e noite...  
— Que conte muitos 44, é o que eu lhe desejo!  
— Muito obrigado...  
— E agora aduzinho, avô elevador...  
— Até à vista, e sempre que queira não se esqueça, cá estou às suas ordens... São só dois tostões...



# PARECE QUE O VERÃO AINDA NÃO SE FOI EMBORA...

• POR CARLOS RUAS •

Preparando-se para um salto.

**D**ECIDIDAMENTE você, leitor, enerva-se e excita-se sem necessidade. Eu bem o vi ontem sentado de esgueira num banco do eléctrico, no dos papalvos, como lhes chamam as mulheres com a sua divina graça... Você ia nervoso. O seu pescoço muito estendido, disse-me que, naquele momento se apossara de si um desejo louco de poder transformar-se em girafa; os seus olhos desmedidamente abertos, acusavam-no do nervosismo duma atenção espantosa.

Confesse, leitor! Você ia esperando num sópro indiscreto de vento ou num traçar de perna descuidado...

De facto, aquela Malsie é insupportável. O seu subir para o carro, sem nos deixar ver uma nesga que seja das pernas divinas, aquela irritante maleta de palha, que ela, mal se senta, se apressa a pôr sobre os joelhos, como preventivo contra as inconveniências do vento — o nosso fiel amigo — e, sobretudo, aquêl corpinho flexível de «modêlo», que nos puxa os olhos, transformam as duas horas de trajecto num sofrimento amargo, numa expectativa enervante, na ansia baldada de... ver qualquer coisa...

Mas não faça caso, leitor! Finja que não dá conta da presença inebriante da Malsie e vingue-se! Faça como eu!

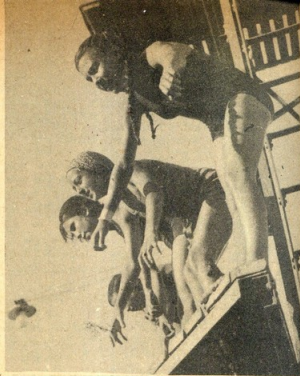
Lembre-se que do verão ainda restam uns lampejos, como as tintas escuras que o sol deixa no céu, depois de se esconder; que nos envolvem ainda uns bafoes nornos de canícula, suaves e doces como o sabor que nos fica na boca depois de ingerirmos um bom-bom delicioso, que, finalmente, a Malsie, a encantadora Malsie, pratica matação...

Vingue-se, meu caro!  
E que se lhe diga? Ainda ontem me vinguel, implacavelmente, terrivelmente!!!

Eu lhe conto.  
Na Rua do Ouro quando enxerguei a Malsie. Ela ia divina! A saia de alca pintalgada de motivos náuticos, a blusa branca com bordados da Madeira, casavam-se numa harmonia suave com a brilhante cabeleira, arpanhada no alto da cabeça, como um molho de trigo loiro. A Malsie, com um passinho saltitante que fazia badalar o cestinho de palha com bordados a lã, dirigia-se ao eléctrico. Deliberei segui-la. Suportei o mesmo modo discreto de subir para o carro e fingi não dar conta; a'rel, irritante cestinho pesando sobre os joelhos, com a male fleguadrática impassibilidade. Na minha boa, brincava um sorriso terrível, um sorriso satânico. O meu plano marquiavélico de vingança estava traçado. A Malsie ia para Algés, para a piscina, aproveitar as reminiscências do calor para fazer a sua despedida da saúde época, da quadra dourada do ano em que se repousa, em que se brinca, em que as águas do mar e das piscinas beijam os corpos mais mimosos, cingem as formas mais harmoniosas. A Malsie ia dizer um saté para o ano à doçura do verão, à frescura das águas, às delícias do ar livre. E eu ia atrás dela sedento de vingança. E a minha vingança, con-

(Continua na página 16)

... enquanto os colegas assistem, sorridentes.



Vamos! Um... dois... três!



Depois, sobem bem certos exercícios físicos!



Meu Deus! A água já começa a estar fria...



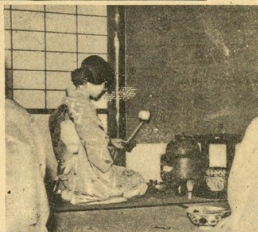


As raparigas japonesas aprendem a tomar chá numa casa de «gueishos»

*Algumas imagens da vida duma mulher japonesa*



A mãe e o filho junto a um piano de cauda simbolizam a resolução dos japoneses de aprenderem as artes e a sciências dos ocidentais.



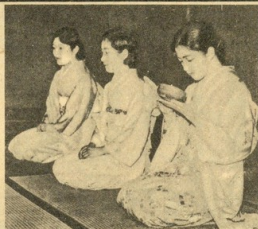
De joelhos, a preparar o chá para as visitas



Arranjando flores — arte em que as japoneses são exímias.



Beber o chá tem um rito próprio...



e cada movimento e gesto cuidadosamente estudado!



Uma japonesa em trajos ocidentais, já é coisa frequente no Japão de hoje.

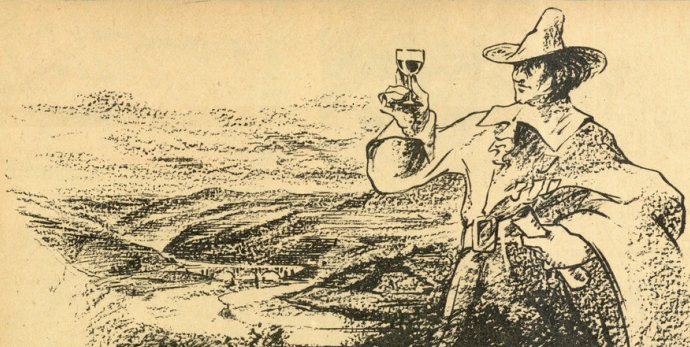


Uma recém-casada e o sogro. Os casais jovens vivem, em geral, em casa dos pais do noivo.

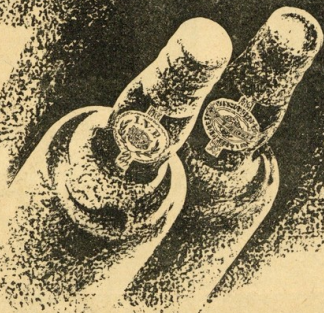


Escrevendo uma carta — trabalho que, para os japoneses, exige muito cuidado e bom gênio.





VINHO  
do  
PÔRTO







**DEVERES DE AMIZADE**

— Que lhe aconteceu, amigo Xavier? Venha; se acompanho a sua casa...  
— De lá venho eu...



— Que quadro maravilhosol!  
— Não seja a maraculha!  
— Não viu que está vendido?



# PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marques Sá da Bandeira, 108, 3.ª LISBOA

## DAMAS

(Seção portuguesa)

JOGO N.º 16

Jogo disputado no Café Chave de Ouro — Melgaço, entre Rogério Fernandes (Branças) e António Eduardo Igrejas (Pretas):

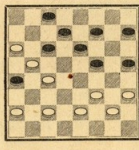
**R. Fernandes**

Branças	1.º	2.º
10-14	1.º	22-18
5-10	2.º	27-22
12-15	3.º	23-20
8-12	4.º	20-16
1-5	5.º	28-23
14-19	6.º	23-14
16-19	7.º	33-28
4-8	8.º	21-17
6-10	9.º	24-20
15-24	10.º	22-8
2-11	11.º	28-23
12-15	12.º	30-27
15-20	13.º	28-22
11-15	14.º	29-26
3-6	15.º	.....

**A. E. Igrejas**

Pretas	1.º	2.º
10-14	1.º	22-18
5-10	2.º	27-22
12-15	3.º	23-20
8-12	4.º	20-16
1-5	5.º	28-23
14-19	6.º	23-14
16-19	7.º	33-28
4-8	8.º	21-17
6-10	9.º	24-20
15-24	10.º	22-8
2-11	11.º	28-23
12-15	12.º	30-27
15-20	13.º	28-22
11-15	14.º	29-26
3-6	15.º	.....

At 15.º lance das brancas foram-se a seguinte posição mate:



Jogam as pretas e ganham.

## 1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS», POR CORRESPONDÊNCIA DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

### 2.ª Eliminatória

Tendo-se já procedido ao sorteio desta eliminatória, começamos hoje dando nota do resultado do mesmo:

#### Série A

António da Costa Ramos (Santarem), José Rodrigues Iria (Chamusca), Humberto Duarte Silva (Bolgueime — Algarve) e Hilário Elias (Beja)

(Continua)

## XADREZ

### PROBLEMA N.º 16

Por Dr. Monteiro da Silveira (Rio de Janeiro)

1.º Premio — Sr. Alexandre Américo — 1932



2x

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 15

(Publicado em «Vida Mundial Ilustrada», n.º 232, de 25/10/945)

1.T—d5, ameaça 2.C—e3 x.  
1...R x d5; 2.C—d4+.  
1...R x d5; 2.C—c7+  
1...C—d1; 2.d3+

## PALAVRAS CRUZADAS

### PROBLEMA N.º 42 (Concurso)

Por Rocanoff

(Nelas)

#### ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Obrija; assunto. 2 — Branda; telas. 3 — Superfície; tramara. 4 — Sorrir; íntima (Inv.). etc. 5 — Batoça; sádia. 6 — Fieira-se ao mar. 7 — Compreendi; administrador de casa. 8 — Fruto; apêndice em arco; planta labiada. 9 — Mansa; actuar. 10 — Não nascido; leque. 11 — Instrumento náutico; fina.

**VERTICAIS:** 1 — Querer; citar. 2 — Nome de mulher; nome de mulher. 3 — Azeite; gostam. 4 — Interpretava; deseje; ligo. 5 — Existe; acomode. 6 — Melga. 7 — Camponesa; antes de Cristo. 8 — Possui; argola; parte do chapéu. 9 — Pron. pessoal (pl.); amadão. 10 — (Cecenas; orçium. 11 — Guarneceram de assa; argolas.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 41

**HORIZONTAIS:** 1 — Cara; amolar. 2 — Ameno; arara. 3 — Mo; íroso; vi. 4 — Avezar; Braz. 5 — Rei; tabual. 6 — Vo; ase. 7 — Valsar; ras. 8 — Tare; lavado. 9 — Es; arata; um. 10 — Saldio; arabi. 11 — Artola; aram.

**VERTICAIS:** 1 — Câmara; tea. 2 — Amovel; vasar. 3 — Ré; etvar; ut. 4 — Ante; oleado. 5 — Orate; rol. 6 — Ora; ala. 7 — Mas; barata. 8 — Orubus; vara. 9 — Lú; raera; ar. 10 — Arvai; aduba. 11 — Hala; asomim.

NOTA — Para a composição do problema hoje publicado foram adoptados os dicionários de Roquette (sinónimos); Torrinha e Moreno.

### SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 41

D. Hermínia Folgosa, Jacinto B. Marques, João Folgosa Ruas, José Luís da Cruz, António Hildio Assis da Veiga, Eurico Machado e José Luís da Costa (Lisboa); Seven (Aveiro), Trilpeiro (Pórtu) e Nicolau F. Tejo de Morais (Viseu).

Nota — O problema n.º 13, já rectificado, publicado no número n.º 231, de 18/10/945, trazia a seguinte indicação: Brancas. 0. Pretas, 10. Lela-se: Branca. e Pretas, 10.

## CHARADAS

NOVISSIMAS

Por Nicolau F. Tejo de Morais

(Viseu)

- 1) Está á espreita e oferece um prémio se queres comer dize de côco. — 21
- 2) Logo que possas examinar o doente não te deixes impressionar. — 21
- 3) Tinha a aparência duma poeta de curra da casa, e não era mais do que uma coiza de druce. — 11
- 4) Desde que perdeste a verçoça do trabalho com a carga do líro. — 12
- 5) Se vires no espaço celeste sinais de embargo é porque és imortal. — 21
- 6) Se em país estranho houver calçado para mim deixarei de andar com este buraco. — 21

Nota — O dicionário adoptado foi o de Moreno (Comp.).

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 25/10/45

- 1) Mezera-mera. 2) Bonito-boto. 3) Cabido-cado. 4) Cabanas-canas. 5) Calocação.

### VAMOS PREGUNTAR!

Quais são as elevações mais altas do mundo?  
1.º — De 3 a 4.000 metros?  
2.º — De 4 a 5.000 metros?  
3.º — De 5 a 6.000 metros?  
4.º — De 6 a 8.000 metros?  
5.º — De 8 a 9.000 metros?

SOLUÇÃO DAS PREGUNTAS PUBLICADAS EM 25/10/945

- 1.º — Edison. 2.º — Madame Curie.

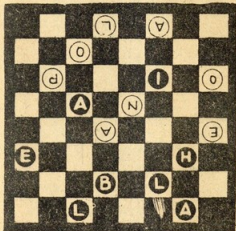
### CORRESPONDÊNCIA

António Dias (Coimbra) — Em português o melhor livro é o do falecido mestre «damista» Henrique da Cunha. A livraria é a Progressor, da Rua Passos Manuel, 158-162 — Porto.  
Armando Nogueira (Lisboa) — Já lhe escrevi.  
Jacinto B. Marques (Lisboa) — Recebi solução. Continue.

D. Maria Ivonne Côrte Real (Baldão — Angola) — Recebi carta e problemas, que agradeço. Todos bem. Muitos parabéns.

Francisco Henriques (Almeirim) — Até hoje não recebi a classificação dos concorrentes ao Concurso de Finais.

## PASSATEMPO



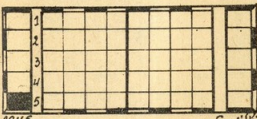
Temos aqui um tabuleiro para o jogo de «Damas». Nêle vemos oito pedras brancas e oito pretas, cada uma contendo uma letra.

A solução estará certa quando as pedras brancas, colocadas na diagonal das pretas, na direcção da seta «A», formarem o nome de uma grande personagem francesa; e as pedras pretas, colocadas na linha diagonal branca, como indica a seta «B», formarem o lugar em que esse mesmo personagem esteve relegado.

## PALAVRAS TROPOLÓGICAS

PROBLEMA N.º 4

Por Esaj Rapag (Covilhã)



#### ENUNCIADO

- 1 — Refeição da noite — Homem mau.
- 2 — Chuva — Ajeitou.
- 3 — Tecido de malha para cobrir o pé e parte da perna — Escave.
- 4 — Curvo — Peça que parte do cubo e termina na roda do veiculo.
- 5 — Simples — Oro.

SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 3  
D. Hermínia Folgosa, João Folgosa Ruas e José Luís da Cruz.





A ACTRIZ SUECA INGRID BERGMAN ESTUDA, NUM CONVENTO, O PAPEL QUE VAI INTERPRETAR NO SEU NOVO FILME "OS SINOS DE SANTA MARIA"